

3 - MAY 27  
Copy 1960

# NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 25 a 31 de março de 1960 Nº 56  
Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. Gerente — Guttemberg Cavalcanti

PROFESSORES OPINAM ATRAVÉS DE NR  
**Projeto de Diretrizes elimina as bases da Escola Pública**  
Reportagem na 3ª pág. do 2º caderno



## Resposta ao "Diário de Notícias" **Fatos Provam: Jânio é Mesmo Entreguista**



**N**UM esforço enorme, mas inútil, o «Diário de Notícias» procurou fazer de Jânio um nacionalista e um democrata. Pretendia o jornal do sr. João Dantas contestar os comunistas. Mas, a prova dos nove de que Jânio é mesmo entreguista está nos fatos. E eles mostram, de forma esmagadora, que o «irretratável» demagogo é amigo do peite de Néelson Rockefeller, é inimigo da Petrobrás, é protetor da Light, da Bond and Share e outras empresas imperialistas, é advogado da «livre iniciativa» e adversário rancoroso de toda intervenção do Estado na vida econômica, é partidário da reforma cambial exigida pelo FMI. Jânio é entreguista, sem salvação. (Reportagem na pág. 3 do 1º caderno).

### Padre Iñaki afirma: Sob o cerco inimigo Cuba faz justiça

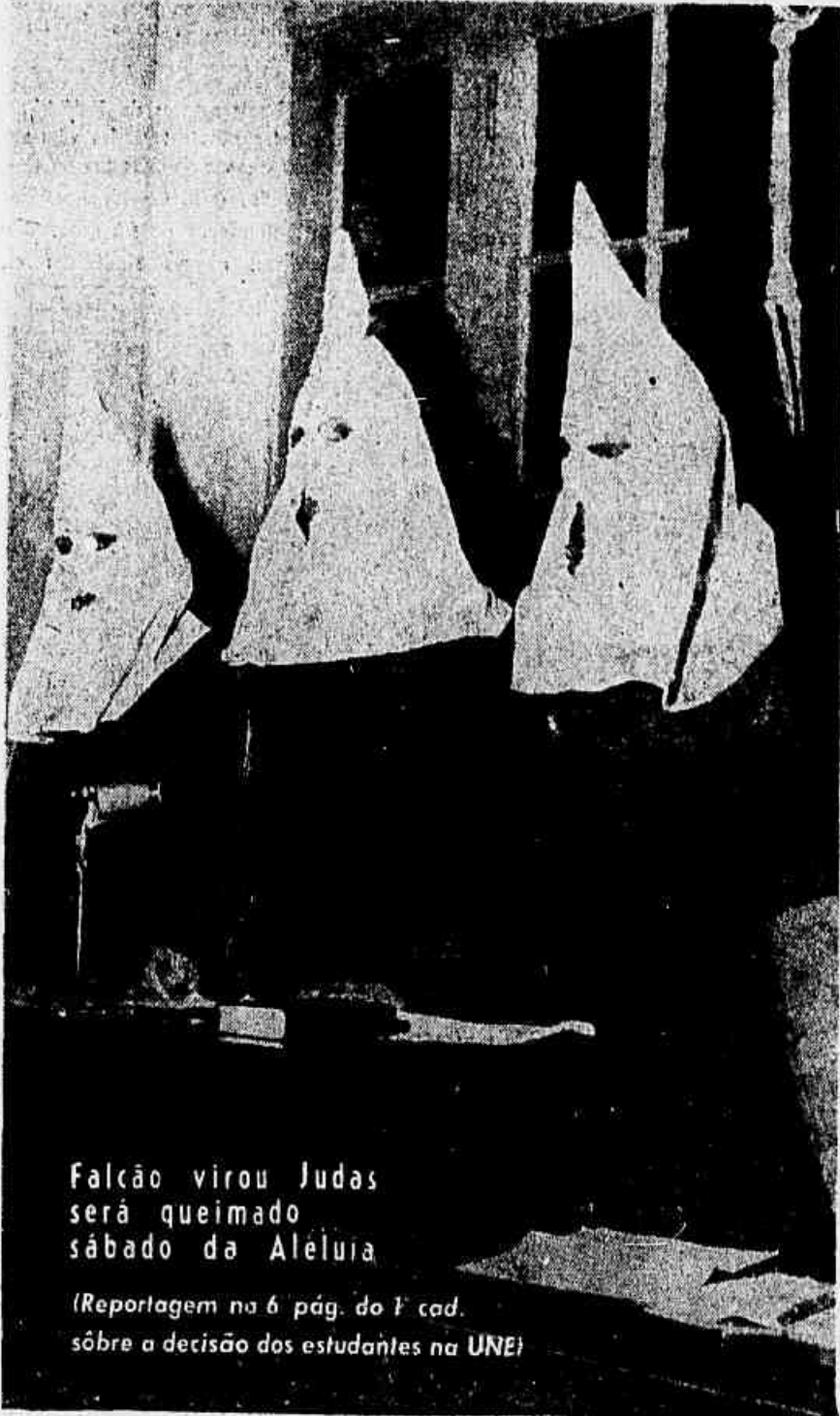
**C**RESCE a campanha imperialista contra Cuba. Um avião levantado na Flórida e abatido na província de Matanzas quando se preparava para levar para os Estados Unidos um ex-chefe de polícia de Batista. Os dois pilotos, presos por soldados revolucionários cubanos, eram norte-americanos. Neste momento é de grande interesse a leitura do artigo escrito pelo padre Iñaki de Aspiazú, que vemos na foto quando era recebido pelo Papa Pio XII, em junho de 1958. Leia reportagem na 7ª pág. do 1º caderno.

### Depois da palestra um sorriso bonito atrás dos portões

**S** E essas duas garotas estivessem realmente encarceradas, como o leitor pode pensar, elas não estariam assim tão sorridentes. As duas belas jovens que aparecem na foto são tecelãs da Fábrica Nova América. Durante oito horas, em cada dia, elas permanecem do outro lado das grades, trabalhando muito para os ricos Bebianos, donos da empresa. O nosso fotógrafo as surpreendeu logo após a reunião que houve no portão da fábrica, onde o líder têxtil Hércules Correia dos Reis fez uma palestra sobre a III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal, a ser realizada de 6 a 11 de abril próximo. Leia reportagem na 2ª página do 1º caderno.

### 20 MIL PESSOAS APLAUDIRAM (MG) LOTT E JANGO

**N** A cidade mineira de Poços de Caldas (perante 20 mil pessoas, com a presença de delegações de dezenas de municípios vizinhos, inclusive alguns de São Paulo), Lott e Jango receberam verdadeira consagração. Foi o maior comício realizado na cidade em todos os tempos. E as manifestações tinham começado bem cedo, com alarde que despertou toda a população, grande recepção no aeroporto (desfile de mais de 100 veículos) e verdadeira festa à passagem de candidatos nacionalistas pelas ruas de Poços. As homenagens se estenderam ao sr. Tancredo Neves, candidato a governador do Estado. (Leia na 6ª página do 1º caderno).



Falcão virou Judas  
será queimado  
sábado da Aleluia  
(Reportagem na 6ª pág. do 1º cad.  
sobre a decisão dos estudantes na UNEI)

## Legalidade Para o P.C.B.

LUIZ CARLOS PRESTES

**A** CLASSE operária e o povo brasileiro comemoram mais um aniversário do Partido Comunista do Brasil. A data tem significação nacional. Marca o reflexo em nosso país da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, que abriu uma nova era na história da humanidade. Assinala também o crescimento da classe operária em nosso país, assim como o amadurecimento político de sua vanguarda, que já dirigiu as grandes lutas grevistas de 1917 e 18 em São Paulo, no Rio e em outros pontos do país. Além disto, a história do PCB é parte integrante e inseparável de toda a história de nosso povo nos últimos 38 anos. Vitórias e derrotas dos comunistas foram sempre vitórias e derrotas do povo brasileiro.

**E** M 1935, a derrota na insurreição de novembro foi também uma derrota do povo brasileiro. Impedimos — é verdade — a fascistação do Brasil, nosso sacrifício na luta armada e nos cárceres da reação não foi inútil, mas nosso povo teve de passar pela humilhação da noite negra do Estado Novo. Mais tarde, foram os comunistas os primeiros a exigir do governo brasileiro a ruptura de relações com a Alemanha hitlerista e a participação do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo. E o êxito dos comunistas foi igualmente uma vitória do povo brasileiro que acompanhou com entusiasmo a luta de nossos pracinhas na Itália e festejou com alegria a vitória sobre o fascismo em 1945.

**F** OI então que, pela primeira vez, após 23 anos de vida clandestina, marcada pela perseguição policial sistemática à menor atividade dos comunistas, sujeitos ao cárcere, a torturas e ao assassinato pelos bealeguins a serviço dos monopólios imperialistas, conquistou o PCB o direito à vida legal. As leis anticomunistas do Estado Novo eram de fato postas de lado e, mesmo sem a revogação formal, já nada mais valiam diante do ascenso democrático das massas populares que se sentiam vitoriosas com a derrota do nazi-fascismo.

**E** M 1947, inicia-se, porém, a «guerra fria», que os reacionários do mundo inteiro pretendiam transformar rapidamente em guerra de verdade. A derrota do povo brasileiro exigia a prévia derrota dos comunistas em nosso país. Era indispensável afastar os comunistas da arena política. O PCB perde seu registro eleitoral e os mandatos dos representantes populares eleitos sob a legenda comunista foram arbitrariamente cassados. Graças, no entanto, à força crescente do mundo socialista, à política leninista de coexistência pacífica do governo

da União Soviética e ao movimento popular em defesa da paz que ganhou o mundo inteiro, a política dos provocadores de guerra foi derrotada. Apesar de todas as perseguições, participamos ativamente das lutas de nosso povo e conquistamos novas vitórias que foram igualmente vitórias do marxismo-leninismo, base do partido brasileiro da pilhagem imperialista, ao impedir que soldados brasileiros fossem participar da guerra na Coreia, ao derrotar as tentativas golpistas de 1955.

**S** E bem que formalmente fora da lei, os comunistas não deixaram jamais de participar das lutas de nosso povo pela completa emancipação nacional, pela paz e a democracia, pelo progresso social. Sabemos que enfrentamos um inimigo forte e oruel que não cederá sem luta e que só será derrotado pelo esforço unido de todos os patriotas, de todos os democratas, de todas as pessoas esclarecidas e partidárias do progresso social. A discriminação contra os comunistas não é apenas injusta, mas contrária aos interesses de nosso povo. É um anacronismo histórico que nada justifica e não ser um caduco formalismo jurídico que só pode ser defendido pela minoria reacionária e entreguista.

**A** S MEDIDAS antidemocráticas ainda vigentes não cairão, porém, sem luta. A luta pela legalidade do PCB não é do interesse apenas dos comunistas, mas de todos os patriotas, de todos os democratas, de todos os que se interessam pelo progresso social e cultural do país. É a luta contra o explorador estrangeiro, que não pode ser vitorioso sem a participação aberta da classe operária e de seu partido de vanguarda. É a luta pela ampliação e consolidação da democracia, que exige a revogação de todas as discriminações injustas contra o proletariado e seu partido revolucionário. É a necessidade do estudo científico da realidade brasileira, que exige a contribuição inestimável da ciência do proletariado, do marxismo-leninismo, base de todos os grandes êxitos de nosso século, tanto no terreno das relações sociais como no da luta pelo domínio da natureza.

**A** LUTA pela legalidade do PCB é, assim, parte integrante de toda a ação política das forças nacionalistas e democráticas. Sabemos nós, comunistas, organizar e impulsionar essa atividade política, levá-la à vitória e ao ascenso democrático que permita, como em 1945, a completa revogação dos preceitos legais em que se apóia o anticomunismo em nosso país. E, mais uma vez, a vitória dos comunistas será uma nova vitória do povo brasileiro.



GAUCHOS PROTESTAM CONTRA A CARESTIA

# Câmara Reuniu no QG da Greve

Milhares de trabalhadores gaúchos cessaram completamente todas as suas atividades durante 24 horas, numa impressionante manifestação de protesto contra a carestia em favor da aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social e da regulamentação do Direito de Greve. A paralisação atingiu a toda a Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o serviço de bondes, energia elétrica e o pórtico da Capital. Iniciando-se a zero hora do dia 18, terminou a zero hora do dia seguinte.

Santa Maria, denominada a Cidade Ferroviária, parou completamente, sendo atendidos apenas, por ordem do comando grevista, os serviços essen-

ciais, incluindo-se a distribuição de energia domiciliar, leite e pão. A Câmara de Vereadores, logo que se iniciou o movimento, transferiu-se para a sede do comando da greve, onde permaneceu reunida.

### Passaeta

Grande multidão em passaeta, saindo da sede do comando grevista, reconduziu os vereadores ao edifício da Câmara, após haverem os mesmos permanecido ao lado dos trabalhadores durante todo o período da greve. Os estudantes secundários e universitários de Santa Maria aderiram e participa-

ram ativamente do movimento de protesto. O comércio hipotecou toda a solidariedade aos grevistas e inúmeros estabelecimentos não abriram as suas portas.

### Em Porto Alegre

Em Porto Alegre o movimento também obteve êxito completo. O Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica, que vem lutando para que o seu pessoal continue regido pela Consolidação das Leis Trabalhistas, ordenou que apenas as casas residenciais e os hospitais fossem servidos de energia elétrica. O presidente da entidade de classe, Jorge Alberto Campezzato, desligou as chaves de luz e força da Capital a zero hora do dia 18. Os trabalhadores em carris urbanos, uma hora antes, já haviam deixado o trabalho, paralisando todo o serviço de bondes. Os portuários fizeram uma greve de cinco minutos, juntando-se ao movimento comandado pela Comissão Intersindical de Defesa dos Segurados da CAPFESP e pela Comissão Executiva do IV Congresso dos Trabalhadores Gaúchos.

Fato de maior importância é que a greve foi realmente um movimento de protesto contra a carestia e de repúdio às manobras protelatórias dos parlamentares que até hoje não votaram as leis de interesse dos trabalhadores, entre as quais a Lei Orgânica da Previdência Social, e regulamentação do Direito de Greve, o Plano de Classificação, e a limitação de remessa de lucros para o exterior. Os ferroviários, que pararam os trens em todo o Estado, e os demais trabalhadores que permaneceram em greve na Capital, não reclamavam aumento de salário. Reclamavam soluções mais altas, do interesse de toda a população do país.

No manifesto lançado ao público, a Intersindical dos Segurados da CAPFESP salienta:

—Encerramos hoje uma vitoriosa jornada de protesto. Temos certeza de que sua repercussão foi de tal monta que teve a validade de representar um movimento de trabalhadores de todas as categorias.

### Recife reúne portuários de todo o Brasil

Representantes dos trabalhadores portuários de todo o país estão reunidos no Recife, no seu I Congresso Nacional. O conclave foi instalado no dia 21 do corrente e se estenderá até o próximo dia 27. No seu temário está prevista a discussão de todos os assuntos relacionados com o trabalho e a vida do portuário, entre os quais se incluem: 1) legislação única para todos os trabalhadores portuários; 2) nacionalização e encampação dos portos nacionais; 3) salário por produção; 4) direito de sindicalização para os autárquicos; 5) criação de uma comissão paritária para fiscalizar a aplicação das tarifas portuárias e taxas de cobertura; 6) Lei Orgânica da Previdência Social; 7) Direito de greve; 8) problemas nacionais.

### GREVE DE AERONAUTAS

## Continua Fora do Ar a Cruzeiro do Sul

O Grupo de Voo da Cruzeiro do Sul continua firme na greve iniciada a zero hora do dia cinco do corrente, exigindo o cumprimento da portaria interministerial que regulamentou a profissão de aeronauta.

Os grevistas mantêm-se com dignidade, enfrentando a intransigência do testa de ferro Bento Ribeiro Dantas, presidente da Cruzeiro, que assumiu a liderança das empresas refratárias ao cumprimento da referida portaria. Enquanto isso, os trabalhadores do ar de todo o país preparam-se para a deflagração da greve-geral de solidariedade.

O Ministério da Aeronáutica, embora signatário do documento pelo qual lutam os aeronautas, ao invés de defender o seu próprio ato, punindo a empresa faltosa, fazendo cumprir a portaria, prefere ficar ao lado da Cruzeiro do Sul, cujo proprietário, Bento Ribeiro Dantas, é um homem de recursos. De tantos recursos que chegou a declarar na Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar as causas da crise na aviação comercial, que a sua empresa, só no primeiro trimestre de 1959, gastara uma média mensal de seis milhões de cruzeiros em publicidade. Esse homem afirma que não dispõe de meios para atender a pequenas despesas determinadas pela portaria que regulamentou a profissão de aeronauta.

### Ferrovário no Conselho da Rêde



Alvaro David, ex-presidente do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina, foi eleito representante dos trabalhadores ao Conselho Consultivo da Rêde Ferroviária Federal S. A. A eleição se processou na última sexta-feira, entre os 18 delegados representantes dos ferroviários das empresas que compoem a Rêde. O candidato janista da Santos-Jundiaí, Ernani Rêgo de Barros, inimigo declarado dos trabalhadores, apesar de contar com a simpatia da Diretoria da Rêde, foi fragorosamente derrotado. O Conselho Consultivo da RFFSA é composto de representantes das «células conservadoras», dos ministérios, e de um ferroviário.

### Encontro com a natureza

«Marque um encontro com a natureza na romântica praia de Muriquí e passe um domingo diferente dançando, tomando banho de mar, e passando nos mais belos recantos daquela cidade fluminense. É o que diz o convite para a grande festa que será realizada no dia 27 próximo, das 8 às 16 horas, em Muriquí.

O trem especial partirá da Estação de D. Pedro II (Central), às 6:20 horas, partando em Engenho de Dentro, Cascadura e Deodoro. O regresso está previsto para às 18 horas.

Os convites podem ser adquiridos na Gerência de NOVOS RUMOS.



Com o dedo no queixo, a jovem tecelã da Nova América (foto), pensa na III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal. Hércules, secretário do Sindicato, que aparece falando, alcançou seu objetivo. Levou o temário do conclave para dentro da fábrica, onde os operários o estão discutindo.

### Convenção dá o que pensar

## Convenção Sindical Vai Sair Das Fábricas

O tempo é pouco. A III Convenção Sindical dos Trabalhadores Cariocas será realizada de 6 a 11 de abril próximo, no Sindicato dos Têxteis. Mas justamente por isso, por ser escasso o tempo, é que todos os ativistas sindicais da cidade estão voltados para aquilo que eles acham no momento, a sua mais importante tarefa — eleger os delegados nos locais de trabalho e promover o debate dos temas da Convenção.

A inscrição de delegados será feita até o dia 6 vindouro, através dos seus respectivos sindicatos. Cada entidade terá direito a um voto, mas a sua delegação poderá ter muitos membros, e todos com direito a voz.

Os trabalhadores de cada empresa se esforçam por mandar um seu representante ao conclave, porque sabe que ali todas as discussões estarão relacionadas com as suas condições de vida e de trabalho. O temário da Convenção inclui debate sobre: 1) as organizações sindicais em face da mudança da Capital para Brasília; 2) medidas de ação contra a carestia, pela aprovação dos projetos de Lei Orgânica da Previdência Social, Regulamentação do Direito de Greve, Classificação do Funcionalismo, e pela fixação de justas Diretrizes e Bases para a Educação; 3) Congresso Nacional dos Trabalhadores; 4) Problemas nacionais; 5) criação de um órgão central dos trabalhadores do Distrito Federal e eleição de seus membros diretores.

### Debates nas fábricas

O debate desses pontos vem sendo feito em inúmeras empresas desta Capital. Nossa reportagem participou de dois debates: um, em frente aos portões da Fábrica de Tecidos Nova América, em Del Castilho; outro, na Metalúrgica Ferro Maleável, em Maria da Graça. Nesta última a discussão foi realizada dentro da empresa, na hora do almoço. Os metalúrgicos, após debaterem alguns aspectos do temário, elegeram seus representantes à Convenção os operários Ulisses Lopes e Juvenal José dos Santos, e como suplentes Tobias Fernandes e Jackson de Souza.

Nos demais setores da indústria, comércio e transporte também vêm sendo utilizados esses dois métodos de eleição de delegados à III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal. Além disso, alguns sindicatos estão

convocando assembleias, onde elegem os representantes da categoria ao conclave. Dêsse modo, elegendo os seus delegados nas assembleias sindicais nas reuniões de fábrica, ou credenciando-os através de um abaixo-assinado, dirigido à sua entidade, os trabalhadores cariocas farão representar na sua III Convenção.

### Espanha é cárcere de trabalhadores

A Federação Sindical Mundial lançou uma proclamação aos trabalhadores e sindicatos de todo o mundo, conclamando-os a unirem suas vozes em defesa da libertação dos trabalhadores e democratas presos nos cárceres da Espanha.

O documento salienta que centenas de operários e intelectuais continuam sendo presos e torturados pela polícia franquista, sob pretexto de exercerem «atividades subversivas» quando, na verdade, são autênticos intérpretes do descontentamento popular que aumentou com a aplicação do chamado plano de estabilização econômica, posto em execução em benefício dos monopólios imperialistas. As massas trabalhadoras espanholas tiveram, em muitos casos, os salários e as horas de trabalho reduzidos.

A Federação Sindical Mundial denuncia os projetos de um acordo entre Adenauer e Franco, visando à instalação de bases militares alemãs na Espanha, tentando transformar aquele país num trampolim para a realização dos objetivos agressivos dos provocadores de guerra. O documento da FSM termina reafirmando a necessidade do apoio internacional dos trabalhadores às vítimas da ditadura franquista.

### Reunidos os bancários brasileiros

Instala-se hoje, quinta-feira, na sede do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Crédito desta Capital, a I Convenção Nacional dos Bancários, que se reunirá até o dia 28 próximo, discutindo os problemas da corporação. A CONTEC, que convocou o ato, promove também o Encontro Fraternal dos Bancários das Américas.

Para esse encontro, que se realizará de 26 a 30 do corrente, já chegaram a esta Capital delegações do Uruguai, Venezuela, Paraguai, Chile, Cuba, Argentina, República Dominicana, além da Diretoria da Confederação Americana de Bancários.

### Nota Sindical

### As Greves Dos Ferroviários

O ferroviário, homem que vive em luta contra o atraso na sua atividade profissional, vem-se empenhando nestes últimos meses, na batalha contra o atraso de sua própria vida, que corre cheia de dificuldades pelos 37 mil quilômetros das estradas de ferro nacionais. Mais de 60 mil trabalhadores fizeram silêncio as locomotivas de seis importantes ferrovias, reclamando reajustamento salarial e outras medidas destinadas a melhorar as suas condições de vida e de trabalho. As greves foram vitoriosas, estimularam o prosseguimento de novas lutas e levaram esperança a trabalhadores de centenas de cidades do interior que, mergulhados na miséria e desorganizados, pareciam descrever de suas próprias forças.

Os ferroviários nestes últimos meses paralisaram completamente a atividade da Rêde Ferroviária do Nordeste, Viação Férrea Leste Brasileiro, Leopoldina, Paulista, Santos-Jundiaí, e Rede de Viação Férrea do Rio Grande do Sul. A característica geral de todos esses movimentos foi a unanimidade. As greves foram totais. Um líder ferroviário de Santa Maria, referindo-se ao êxito da paralisação na V. F. do Rio Grande do Sul, acentuou: — nossa greve não tem carneiros. E não teve mesmo. Nenhum ferroviário baixa mais a cabeça. Os 200 mil homens que movimentam as 42 ferrovias do país lutam para recuperar o atraso de uma longa inatividade, que permitiu o rebaixamento do seu nível de vida. Na Paulista, onde desde 1905 não se fazia nenhum movimento grevista, foi realizada uma greve no ano passado e outra nos últimos dias. Esta última plenamente vitoriosa, apesar das inomináveis violências praticadas pela polícia do governador Carvalho Pinto que, sem trocadiço, dá a pinta do que seria o governo janista em face das reivindicações dos trabalhadores.

Na Leste Brasileiro, que se estende pelos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí, os seus 10 mil ferroviários quebraram uma tradição, fazendo a chamada greve proibida — a greve dos trabalhadores autárquicos. O seu movimento foi plenamente vitorioso, e ninguém foi punido por ter rompido as amarras do Estatuto do Funcionalismo.

O ferroviário luta decididamente contra a queda do seu nível de vida, que em alguns lugares continua sendo calamitosa. Na edição passada denunciávamos o quadro de miséria que se desdobra ao longo da Estrada de Ferro Mossoró-Souza, onde 80% dos filhos dos trabalhadores morrem de fome nos primeiros meses de idade. Aquil, na Central do Brasil, ainda há trabalhadores ganhando salários de Cr\$ 3.800 mensais.

A vitória dos ferroviários tem sido maior onde melhor é a sua organização. Na última greve da Santos-Jundiaí ficou estabelecido um acordo para aumento de 2.500 cruzeiros sobre salários até Cr\$ 11.000,00; 2 mil cruzeiros sobre salários de Cr\$ 11.001,00 até Cr\$ 14.500,00; e 1.500 cruzeiros para os salários acima de Cr\$ 14.500,00, sem prejuízo dos aumentos percentuais que venham a ser determinados pelo Plano de Classificação.



### Debate na hora do almoço

Na metalúrgica Ferro Maleável, situada no bairro Maria da Graça, os trabalhadores debateram os temas da III Convenção dentro da própria fábrica (foto), aproveitando a hora do almoço. O debate continua sendo feito, mas os operários já elegeram os delegados, que serão os seus autênticos representantes no conclave a reunir-se de 6 a 11 de abril nesta Capital.



RESPOSTA AO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Os Fatos Provam: Jânio é Entreguista

O "Diário de Notícias" pretendia manter silêncio em torno do documento publicado na última edição de NOVOS RUMOS em que os comunistas brasileiros definem a sua posição de apoio às candidaturas Teixeira Lott e João Goulart e caracterizam o conteúdo entreguista e antidemocrático da candidatura Jânio Quadros.

Em face, porém, da enorme repercussão alcançada pelo documento entre os círculos políticos, a imprensa e a opinião pública, o "Diário de Notícias" chegou à conclusão de que a "tática do silêncio" era inútil. Preferiu então contestar os argumentos apresentados pelos comunistas.

Jânio, amigo de Rockefeller

No dia 4 de julho de 1959, o "Correio da Manhã" (14ª pág. do 1º caderno), "O Jornal" (1 e 7ª págs.) e o próprio "Diário de Notícias" (1ª pág.) publicaram a seguinte declaração, feita em Roma por Jânio Quadros à "United Press":

A amizade, aliás, é de hoje. Data pelo menos de 1954, quando Jânio visitou os Estados Unidos e foi hóspede do magnata da "Standard Oil".

Dois anos depois, vindo ao Brasil, foi Nelson Rockefeller recebido por Jânio em São Paulo como hóspede oficial do Estado. O fato provocou protestos generalizados, uma vez que Rockefeller, que não exercia então qualquer posto de relevância no Governo norte-americano, não tinha direito a tal tratamento.

Panorama

Sepultado o "Terceiro Homem"

Parece definitivamente sepultada a manobra do "terceiro homem". Explorando na aparência os choques e contradições que desagregam a base política de Jânio Quadros, os articuladores do "terceiro homem" o que visavam, no fundo, era à recomposição de todo o quadro sucessório, retirando dos escombros a fórmula da "união nacional" e, desse modo, afastando a candidatura nacionalista do marechal Teixeira Lott.

As circunstâncias em que surgiu esta última manobra são, entretanto, bem diferentes. Graças sobretudo aos esforços empreendidos pelas forças populares e à firmeza dos melhores núcleos do PTB e do PSD, a candidatura Lott pôde vencer as dificuldades criadas pelos entreguistas e reacionários e adquirir uma solidez cada dia mais difícil de ser abalada.

Nesse quadro, o golpe do "terceiro homem" já não encontrou ressonância entre as forças políticas congregadas em torno da candidatura nacionalista. Foi estimulada apenas pela reticência de um reduzido grupo de conspiradores anti-Lott, ao qual não é estranho o ministro Armando Falcão.

Embora não se podendo desprezar a possibilidade de surgirem novos ardis contra Lott e as eleições, são cada dia mais claras as perspectivas de fortalecimento e vitória da candidatura nacionalista.

Afonso Arinos revelou uma face que era pouco conhecida em sua personalidade de vestal: a de alcaide. Em entrevista ao "Jornal do Brasil", confessou, com o maior desprazer, que se propusera denunciar ao marechal Lott, várias vezes, os nomes de militares comunistas. Lott não quis ouvi-lo. E Arinos completa a sua indignação: se o marechal Denys Kulser, está pronto a fornecer as fichas que ele próprio levantou. E é uma pulha desses que se diz democrata.

A volta de Carlos Lacerda vai ser um novo fator de crise para a UDN e o júnismo. O líder da Lanterna ameaça desencadear uma campanha de vinda e de morte contra o presidente da UDN, Magalhães Pinto, e o candidato a vice, Leandro Maciel. Lacerda pretende apropriar-se da candidatura Jânio, desesperado diante dos sucessivos fracassos sofridos pelo demagogo da cassoupa.

Ao mesmo tempo, articula-se o antilacerdismo na UDN. Duas grandes vozes, estariam sendo preparadas para receber o louco da Lanterna: na Bahia e no Rio. E assim vão-se enfraquecendo as bases da candidatura de Jânio Quadros.

Segundo tudo indica, a sucessão governamental na Paraíba terá como contendores Pedro Gondim, apoiado pela UDN e o PL, e Janduí Carneiro, em torno de quem se congregarão o PSD, o PTB e as forças nacionalistas em geral. Embora tenha chegado a anunciar o seu apoio ao marechal Lott, o ex-governador Pedro Gondim, caso venha a ser escolhido, o sistema de forças UDN-PL, ficará baseado no campo do júnismo. Os prognósticos são, assim, francamente favoráveis à candidatura de Janduí.

conferida a altas personalidades políticas ou estadistas?

Que é velha e sólida a amizade, é o próprio Rockefeller quem o confirma. "O Estado de São Paulo" de 8 de maio de 1959 publica uma entrevista concedida por Nelson Rockefeller ao seu correspondente nos Estados Unidos, José Quiroga, em que o inimigo nº 1 da Petrobrás diz que "gostaria de ver Jânio Quadros eleito presidente da República". Trata-se — acrescentou — de "velho amigo meu, que honrou minha casa em Nova Iorque e de quem tenho a melhor das impressões".

Jânio é, portanto, o candidato de Rockefeller. As revistas norte-americanas "Time" e "Life", assim como a "Hanson's Letter", já manifestaram também o seu apoio aberto à candidatura do amigo da "Standard Oil".

Inimigo da Petrobrás

1) Num artigo publicado em 3 de agosto de 1955 na "Tribuna da Imprensa", dizia Carlos Lacerda: "No próprio campo do general Jurez Távora quem dá a nota é Jânio Quadros — que, em Nova Iorque, em discurso diante de numerosos americanos e brasileiros, bateu no peito, literalmente, dizendo: "Penitencio-me de ter sido a favor da Petrobrás".

2) A "Folha da Manhã" de São Paulo, edição de 4 de maio de 1958, publicou, sem qualquer contestação, a notícia de uma reunião dos líderes pró-candidatura Carvalho Pinto em que se achavam presentes Jânio Quadros, Carvalho Pinto, Abreu Sodré, Germinal Feljó, Miguel Leuzzi, Frauze Carlos, Faria Lima, Alceu Assis, Cássio Costa, Jair de Carvalho Monteiro, Emi-

— "Esse negócio de Petrobrás, no século da energia atômica, vai nos levar ao mesmo estado da Inglaterra com o carvão. Eu não me manifesto porque não serei candidato à Presidência da República. Se eu fosse presidente, a primeira coisa que faria seria rever a Petrobrás". A reportagem foi confirmada pelo "Correio da Manhã" de 17

do Brasil, poderá muito bem haver possibilidades para novos investimentos diretos americanos, na extensão de cerca de um bilhão de dólares em 24 meses... Isto se baseia na confiança de que Quadros será capaz de ditar termos atraentes e adequados para induzir ao investimento de meio bilhão de dólares em mineração, GRANDES

tência das forças nacionalistas e populares, Jânio concedeu à Light todos os aumentos de tarifas pleiteados pelo truste, enquanto era governador de São Paulo.

5) Mais uma vez, Jânio Quadros se pronunciou em reuniões contra o ato do governador Leonel Brizola encampando a filial da "Bond and Share" em Porto Alegre.

Correio da Manhã
JÂNIO QUADROS: "O ESTADO É UM MAU PATRÃO"
O governador paulista presidirá a inauguração de um Fórum do "Correio da Manhã" em São Paulo — Recusou os escassos da Petrobrás — "Ouvinte"

de agosto de 1958, que escreve: "Disse o sr. Jânio Quadros que se fosse presidente da República acabaria logo com a Petrobrás".

3) Dois dos participantes nessa reunião, os deputados Germinal Feljó e Miguel Leuzzi confirmaram, em cartas ao "Semanário" (20-6-59 e 27-7-59) a autenticidade das declarações de Jânio publicadas pela "Folha da Manhã". Em sua carta acrescenta o deputado Germinal Feljó que não só na referida reunião, mas também em outras oportunidades Jânio Quadros se pronunciara contra a Petrobrás.

3) "Petroleum Week", órgão do truste norte-americano, em artigo publicado na edição de 19 de junho de 1957, escreve o seguinte:

"O "Correio da Manhã" — o maior matutino do Rio — tem vergastado o governo Kubitschek e em particular certos setores do governo como a Petrobrás. Esse jornal publicou uma lista crescente de no-

QUANTIAS EM PETRÓLEO, o que, tudo junto, teria um efeito multiplicador em outros campos de investimentos".

7) Numa entrevista radiofônica concedida recentemente em Belém do Pará, Jânio desferiu desmoralizantes ataques contra a Petrobrás. Em carta dirigida a Jânio, o major Jarbas Passarinho ("Última Hora", de 22-1-60) denuncia os objetivos entreguistas de Jânio: "Com efeito, diminuindo o número de sondas e triplicando a área em que elas operam, o esforço de pesquisa tornar-se-ia quase ridículo. Daí para chegarmos à conclusão de que a Petrobrás não tem capacidade, sózina, de resolver o problema da pesquisa, é um passo..."

Protetor da Light

1) Quando governador de São Paulo, Jânio Quadros, contrariando a opinião dos renomados técni-

Advogado da "livre empresa"

Em várias oportunidades Jânio tem-se confessado um advogado da "livre empresa": em entrevistas concedidas durante sua última "viagem maravilhosa", num encontro que teve com os jornalistas no "Copacabana Palace" ao voltar dessa aventura turística e, mais recentemente, na entrevista dada à televisão carioca. Disse o também no discurso que pronunciou na Convenção da UDN.

Mas a posição de Jânio a esse respeito não é nova. Foi fixada em sua entrevista ao "Correio da Manhã", em 23 de junho de 1957, época em que esse jornal realizava uma furiosa campanha contra o "estatismo", paga pela Standard Oil e outros trustes estrangeiros. Disse Jânio então:

"Eu tenho verdadeiro pavor de todo empreendimento industrial que o Estado dirija. O Estado é um mau patrão. E' desinteressado dos resultados econômicos e demagógico na administração da empresa".

Nessa entrevista — que o "Correio da Manhã" considerou "uma corajosa profissão de fé contra o estatismo" — Jânio lança o descredito sobre a Petrobrás, dizendo que "em breve todos nós teremos de examinar bem de perto o problema do combustível" e defende, abertamente, a entrega da indústria de energia elétrica à iniciativa privada, isto é: à Light e à Bond and Share.

Partidário da reforma cambial (FMI)

Jânio não tem escondido a sua posição favorável a uma completa reforma cambial, que elimine o que ainda resta de nacional e progressista no sistema cambial brasileiro. Tem sido insistentes as suas declarações a favor da eliminação do chamado "confisco cambial", o que corresponde aos interesses dos grandes latifundiários e monopólios exportadores, especialmente os norte-americanos.

Logo ao voltar da Europa, falando à imprensa, Jânio afirmou que o seu pensamento em relação à reforma cambial era o mesmo do sr. José Maria Whitaker que, como se sabe, é fervoroso partidário da reforma completa e imediata, segundo exige o Fundo Monetário Internacional.

Fora de Rumo



O sr. Jurez Távora disse em Porto Alegre que o sr. Jânio Quadros é o único homem em condições de alterar com o método planejado as normas, conceitos e postulados sociais vigentes. Em 1930, o sr. Távora, um dos chefes militares do movimento de 3 de Outubro, chegou a Vice-Rei do Norte e as alterações que conseguiu imprimir deixaram muito a desejar. Que poder sobrenatural desce ao sr. Jurez Távora no sr. Jânio Quadros?

No "Diário Carioca", o professor Mirkoff e outros astrólogos não menos consideráveis localizaram no sr. Jânio o poder sobrenatural de dar peso. Diariamente em grido de primeira ordem, citam exemplos dignos de exame. Mas o pró-

prio ex-governador de São Paulo, numa de suas constantes viagens, desembarcou no Santos Dumont e declarou aos jornalistas, com certa ênfase: "Não dou azar. Logo a seguir, porém, emendava a mão para esclarecer: "Só dou azar em meus adversários".

Estamos portanto em face de um problema complicado. Com quem estará a razão? Com o professor Mirkoff e seus colegas do "Diário Carioca"? Com o sr. Jânio, quando diz que não dá azar? Com o mesmo Jânio, quando diz que só dá azar nos adversários?

No elevador da Câmara perguntaram ao sr. Pedro Aleixo, sobre Jânio: "Então, o homem acredita em azar?". O sr. Pedro Aleixo respondeu: "O homem é um venturoso. Quanto ao azar, quem tiver medo, então não fique contra ele. Há doutrinas opostas. Há opiniões. O difícil é acertar com o verdadeiro título do candidato da "Hanson's American Letter", Jânio, o Venturoso? Jânio, o Azarento?"

O Circo Janista

De segunda para terça-feira houve momentos de pânico entre os maiores janistas nesta capital. O amigo de Rockefeller devia encontrar-se com Leandro Maciel e outros membros de sua caravana na cidade de Bom Jardim no Estado do Rio, onde haveria um banquete, seguindo daí para Cantagalo e Cordeiro.

Tudo se achava preparado, mas nada de Jânio chegar. As providências tomadas foram inúteis. Ninguém sabia de Jânio, nenhuma informação ele deixara. Começaram então, em meio ao nervosismo muito típico do udeno-lacerdiano, a surgir as mais desencontradas hipóteses. Atribui-se a Leandro Maciel a pergunta afilada:

— Será que ele desistiu de tudo e resolveu renunciar de uma vez?

Só na manhã de terça-feira a questão foi esclarecida. Jânio não quisera empreender a viagem, alegando cansaço e dificuldades de trânsito nas estradas enlameadas, preferindo voltar ao Rio, onde, ao que se sabe, teve uma noite das divertidas...

E sem nenhum aviso, seguiu de avião para Itaperuna.

Jânio não guarda segredo de suas diferenças com a direção da UDN. Onde quer que esteja, desde que alguém provoque a discussão, Jânio explode em diatribes contra a "eterna vigilância". Nos últimos tempos, mostra-se particularmente irritado com a presença do que chama os "flacões da UDN" em seus comícios. São os "colhetos", encarregados de anotar o que Jânio diz, com quem anda, como se refere aos dirigentes udenistas, etc.

Há dias, num grupo de democratas cristãos e socialistas de São Paulo, Jânio perguntava:

— Por que eles não mandam fiscalizar as bobagens que o coronel Leandro anda dizendo nos comícios?

Este episódio é autêntico. Ocorreu em Belém do Pará, durante a fracassada "tournee" do circo janista pelo Norte e Nordeste.

Jânio passava numa rua e um cego, na porta da igreja, pediu humildemente uma esmola. Jânio deu uma cédula de 5 cruzeiros. O cego se demanchou em agradecimentos e fez o voto de costume:

— Que Deus atenda a todos os seus desejos!

Um dos acompanhantes de Jânio teve então a idéia de falar ao cego:

— Sabe quem lhe deu esta esmola? Foi o futuro presidente da República...

Ao que o cego, muito satisfeito, respondeu prontamente:

— Ah, muito obrigado machad!

Ainda havia restos de gás nos desvãos do Hospital Souza Aguiar, quando o novo embaixador da Suíça, na barafunda do Café do Porto, declarou à imprensa, não se sabe a propósito de que: "Os russos nunca experimentaram a prática da liberdade e por isso não percebem a diferença entre os regimes da Suíça, do Brasil e da própria União Soviética".

Há realmente diferenças complicadas na vida dos povos. O conhecido embaixador suíço, que se chama Dominick conversando com os estudantes da Faculdade de Direito e com o Ministro do Gás, sr. Armando Falcão, poderá vir a compreender melhor nossas peculiaridades, ainda que não tenha a malícia de um Talleyrand. Quanto aos russos, há coisas que devem deixá-los, na verdade, perplexos. Eles, que a partir da Revolução de Outubro, aboliram os pogroms, jamais compreenderão esse mais recente massacre da África do Sul: 34 negros chacinados porque perturbavam o direito de andar nas ruas.

Paulo Motta Lima



NORDESTE 1960 (III)

Criança de Sergipe não aprende o bê-a-bá: faltam escolas!

Reportagem de GENNYSON AZEVEDO, enviado especial de NOVOS RUMOS

Apesar de tudo o que se diz sobre os males da economia do Nordeste...

O e 1 ano de idade. O mais brutal é exatamente o que toca a mortalidade infantil...

comerciante do ensino pensará em ações sentimentais ao estabelecer os preços de seu estabelecimento...

Resposta ao Leitor

Padres e socialismo

O leitor Carlos, de Diamantina (MG), comunica-nos a ótima repercussão alcançada naquela cidade pela reportagem de nosso companheiro Orlando Bomfim Jr. sobre o apoio dos padres católicos da Tchecoslováquia ao socialismo...

Unidade de Ação

Um denominador comum existe, objetivo, claro e inofensível para que se unam todos os brasileiros...

A vassoura e a espada

Do leitor Flásculo Correia (Recife-PE), recebemos o folheto de Agripino Montenegro — «Diálogo da vassoura X espada»...

Diretrizes e Bases

O nosso Sindicato não podia deixar de dar todo o seu apoio a essa importante campanha...

Vale a pena

Do leitor Irineu de Moraes (Ribeirão Preto-SP) agradecemos a sugestão que nos enviou sobre a publicação de charges em nosso jornal...

O noticiário, enviado pelo amigo, sobre as comemorações do aniversário de Prestes, foi realizado...

Esperamos que o amigo continue a nos enviar reportagens sobre assuntos de interesse da população dessa cidade. Vale a pena.

NOVOS RUMOS. Diretor — Mário Alves. Gerente — Guttemberg Cavalcanti. Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr. Secretário — Frangon Borges. REDATORES: Almir Mattos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini. MATRIZ: Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344. Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905. Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS». ASSINATURAS: Anual Cr\$ 250,00. Semestral Cr\$ 130,00. Trimestral Cr\$ 70,00. Arretrada anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00. Número avulso Cr\$ 5,00. Número atrasado Cr\$ 8,00.



A greve dos universitários brasileiros contra a permanência do sr. Armando Falcão no Ministério da Justiça, contou com o apoio unânime dos estudantes paulistas. Em São Paulo e importantes cidades do interior, os estudantes realizaram passeatas e comícios de protesto contra as violências da polícia. Na foto, aspecto do «entêrrão» de Falcão quando passava pela rua Direita.

Ave de rapina

ESTUDANTES MINEIROS CONTRA O MINISTRO DA JUSTIÇA

FALCÃO ASSISTIU DO CAIXÃO DE DEFUNTO À CONVENÇÃO DO PR

IVAN QTERO RIBEIRO (Correspondência especial para NR)

Os estudantes mineiros realizaram, com todas as honras, o «entêrrão» do sr. Armando Falcão, levando seu caixão a todas as faculdades de Belo Horizonte. O velório realizou-se na Faculdade de Arquitetura no mesmo dia em que ali deveria comparecer o sr. Clóvis Salgado, ministro da Educação...

convencionais, quando foi observado um minuto de silêncio em memória do «ilustre morto»... Após isso, o senador Bernardes Filho falou hipotecando solidariedade em nome do PR...

Pioneiros

Os estudantes mineiros foram os primeiros a responder às violências praticadas contra seus colegas do Rio de Janeiro.

Tomando conhecimento dos espancamentos e prisões realizados na noite de domingo, os estudantes de Belo Horizonte já na segunda-feira à tarde iniciaram um movimento de protesto que culminou com o ato público...

zou-se uma comissão para procurar a direção local da C.N.T.I., reunida naquele momento... onde foi apresentado aos líderes sindicais o quadro da situação criada na Capital da República.

O apoio das lideranças sindicais foi imediato e unânime; estudantes e operários unidos, resolveram, então, realizar ainda naquela noite uma passeata, seguida de um comício de protesto, na Praça Sete, no centro da cidade.

Milhares de pessoas no «séquito fúnebre»

Desde as dez horas começou a concentração popular em frente à sede do D.C.E., coberta de crepe negro e com uma faixa com os seguintes dizeres: «Abaixo Armando Falcão».

Sob calorosos aplausos do povo, saiu o atade de madeira da entidade máxima dos universitários. Com um acompanhamento de 4 a 5 mil pessoas, percorreu as ruas centrais da cidade indo até a Faculdade de Direito...

Greve-Geral

No dia 10 pela manhã, voltou-se a reunir o Conselho Deliberativo do D. C. E. que engloba todos os presidentes e vice-presidentes dos Diretórios Acadêmicos das faculdades.

Atendendo à proclamação do D. C. E., já no dia 11 duas faculdades de Ciências Econômicas da U. M. G. e a de Filosofia da U. M. G. entraram em greve.

Um exemplo ilustrativo

Na cidade de Delmiro Gouveia (antiga Pedra), quando em caminho para Macelê, passamos um dia inteiro em visita. Delmiro figura, sem nenhum favor, entre as cidades mais importantes do oeste do Estado de Alagoas.

Pois bem, em conversa com um médico da Comissão do Vale do São Francisco e do Serviço Especial de Saúde Pública ficamos conhecendo uma estatística sanitária de Delmiro Gouveia.

Table with 2 columns: Category and Value. Population: 5400. Residências: 1500. Privados: 940. Filhos: 180. Mortalidade infantil: 252/1000. População entre 0 e 1 ano: 192.

Numa cidade considerada progressista e de nível sanitário acima da média, constata-se que nem todas as casas têm privadas (a estatística não procurou indagar que tipo de instalação sanitária existe)...



dos «trustes» sou esperança... Que importa a PETROBRAS nem tão pouco a ELETROBRAS se não enchem a minha pança!

Sou disposta, sou valente, que digam os bandeirantes, mandei prender muita gente mandei matar estudantes Pra fazer espalhafato mandei jogar muito asfalto sobre o barro das estradas e paulista hoje é quem diz que apelidei o que fiz de estradas pavimentadas...

No tempo que governei nem um pobre enriqueceu aos «trustes» eu ajudei o Estado empobrecer... Pra melhor me definir consegui me expandir pois jamais eu fui otiária... Iniciei na pobreza porém usei da esperteza terminei milionária.

Rockefeller, meu amigo, é agora quem me diz: — Vassoura, conte comigo, pra governar seu país... Gastarei muito dinheiro, meu agente «lanterneiros» lhe dará muito cartaz... Mas exijo, quando eleita, uma vitória perfeita, acabando a PETROBRAS.

Depois de muito falar, a vassoura perguntou, a espada, que a pensar toda história lhe escuto: — E você o que é que faz? parece que seu cartaz com o meu não se coordena? Deixe de tanta moleza, garanta minha esperteza que eu lhe garanto a fortuna,

E a espada, sem saber fazer discursos bonitos, porém, que sabe entender os aflitos, pelos gritos... A espada corajosa, que não topa muita prosa, respondeu num tom amável — não preciso de riqueza mas respondo com nobreza: PETROBRAS E INTOCAVEL.

Carta do Sertão

Cumpade José Góveia: Eu piserevo, eua sodade, Pra contá a vassura O frescô das navidade.

Veio da Merca do Norte O Prsidente de lá Essa sumana passada, Passô no Brasi contrá... Brasília foi batizada.

Meu cumpade, eu nune-a vi, U'a gente tão medrosa, Truvero toda a pulga E as mais siguras intrusa Pensando qui a gente fosse Gente muito pirigosa!

Ante do home chegá, No cumeço da sumana, O Rio lava intuplo De pulga americana, No dia do arvoreço Se butasse a mão no burço O sujeito tava im cana!

Eu vi o home de longe Junthino do JK, A gente deferenciava Pelo brio dos meta.

O prsidente falava Na lingua dos ingulês, Um cabôquim introncado Passava pru português.

Ele parece-se hom Condema o cranô da guerra! E vem falanda na paz, Os habitante da terra Já não podem brigá mais.

Não bebeu de nossa água, Nuni pisô no nosso chão, Ferraro a saída dele Do carro pru avião, No Catete não intrô Cumeço de traição!

Era guarda do palácio Um Generá brasileiro: — O palácio tá siguro! Respondeu pru mensageiro, E sanno nós qui guardamo: Parisso nuni pericissimo De sordado do istrangero!

São essas as navidade Que guardel pru JK contá, Seu cumpade, Zé Praxédi O poeta potiguá.





# JOVENS DO PARÁ

Andei agora na minha terra natal, a bela e muito amada Belém do Pará, e devo confessar minha alegria: encontro outra, cheia de realizações e muito mais cheia de projetos de futuro. Tomei parte no comício que os estudantes da União Acadêmica Paraense (UAP) realizaram em solidariedade aos estudantes deste Rio, tão violentamente atacados pela polícia; tive em torno de mim jovens — que até então pareciam dormir um sono pesado — e que encontro agora empenhados não apenas no conhecimento dos assuntos literários, não apenas fazendo versos e escrevendo ficção, mas também preocupados em conhecer os problemas da Amazônia, os enormes problemas sociais, econômicos e políticos de nossa terra.

Os jovens e eu sempre nos entendemos bem. Respeito, procuro colaborar e ajudar a juventude brasileira, não porque ela seja o futuro, mas porque ela tem no presente sérios deveres e muitos poucos direitos. Ajudar e bem amar a juventude é uma tarefa que realiza conscientemente. Pudesse todos ajudar e bem amar os moços.

Desses conversas com os meninos e meninas de minha terra eu trouxe uma bruta alegria: são os herdeiros valerosos de nossa mocidade estudantil do passado, uma mocidade quase infância que sempre tomou parte em todas as lutas do povo paraense: inteligente, intrépida, atrevida e corajosa. No dia em que se escrever uma história-história do Pará, da cidade de Belém, os estudantes vão aparecer em primeiro plano, lutando com o povo, saindo com o povo à rua, inimigos de todas as tiranias, amantes de nossa independência e liberdade. Quando eles perguntam sobre um escritor de nomeada (isso aconteceu dezenas de vezes comigo), conheço bem a obra do homem ou da mulher mas perguntam por que ele (ou ela) está com um comportamento tão antinacionalista, o que houve com este ou aquele que aderiu ao lado mau da política brasileira.

Criticam com segurança e sem exageros: não são fanáticos por isto ou por aquilo, mas são conscientemente nacionalistas e apreçoam a razão de ser do nosso nacionalismo com o vigor de conhecimentos. Sempre fomos um Estado muito distante, sempre chegaram tarde ali as notícias da metrópole, mas, agora, uma espécie de revolução se operou. A aviação aproximou-nos; a Belém-Brasília mesmo começando agora é uma esperança de maior aproximação.

A juventude de Belém está agrupada em círculos: literários, recreativos e políticos, mas em todos os grupos há sempre a preocupação de nossos problemas sociais, em todos os grupos há estudo, há compenetração de tarefas.

Passel dez dias em Belém, minha cidade muito amada. Não ouvi ali, felizmente, ninguém falar de «juventude transviada» nem escutei as célebres frases tão ouvidas por todos nós do nascimento à morte: «o Brasil está na beira do abismo», «estamos numa encruzilhada», «somos um país de analfabetos», etc. Não ouvi nenhuma dessas frases. O que escutei e do que compartilhei entre os jovens de Belém foi um entusiasmo enorme pelo Brasil, pela independência econômica de nosso povo pela liberdade de ser e de pensar. A grande vontade de saber para bem viver. Volto orgulhosa com os meus jovens confrades. A Amazônia não está mais dormindo.

Encido



Esopo (V. Poliseimako, Artista do Povo da URSS) é bem o símbolo universal do profundo sentimento de liberdade que nasce com a própria humanidade. Sob a ameaça de morte por crime que não cometera, e ante a possibilidade de sobrevivência se se submetesse à escravidão, proclamou preferir morrer em liberdade a viver sem ela.

## O escravo filósofo

### Notas Sobre Livros

José Carlos Mariátegui, o grande escritor peruano a quem me referi aqui, anteriormente, foi um exemplo e um modelo do escritor que não foge à sua missão preciosa de «intérprete do povo» — e que realiza esta missão, em toda a sua plenitude, integrando-se de corpo e alma na corrente do pensamento revolucionário contemporâneo.

Escritor por vocação natural, jornalista desde muito jovem por necessidade de um ganha-pão profissional, Mariátegui até os 23 anos foi o que ele mesmo qualificou de — «literato inficionado de decadentismo e bizantinismo fim-de-século», estreitamente vinculado aos grupos literários de iguais tendências, então em pleno apogeu no Peru. Rompeu com tudo isso, enojado ao mesmo tempo da «política criolla» reinante em seu País, e enveredou pelo caminho do socialismo. Encontrou no marxismo a filosofia da libertação interior e o método científico mais adequado para a investigação e solução dos problemas sociais que preocupavam a sua poderosa inteligência de pensador. Data de então a realização de uma obra literária e sociológica de um dos mais lúcidos intérpretes da realidade peruana, analisada em suas conexões com a conjuntura histórica internacional. Tornou-se um mestre, um guia, um animador da moderna intelectualidade peruana. A morte cortou prematuramente a sua ação criadora e pedagógica; mas dele ficou uma obra de excelente qualidade e um exemplo admirável de vida intelectual.

Com aguda compreensão das perspectivas históricas do seu tempo, Mariátegui era a encarnação, nas condições próprias de um país subamericano, do escritor em permanente tensão polémica. Era um «guerreiro do pensamento» — escreveu a seu respeito Waldo Frank.

O ensaísta cubano Juan Marinello referiu-se à posição de Mariátegui como escritor dizendo que, para ele, «a arte não é uma contemplação, mas uma ação». Eis aí todo o Mariátegui: o artista, o escritor, o pensador, que sentia as dores do seu povo, mas não se limitava a consigná-las «objetivamente»; ou a recriá-las e sofrê-las de novo em si mesmo, ou a sublimá-las em antoflagelações cerebrais; pelo contrário — empenhou-se a fundo na tarefa primordial de libertar o povo das dores que podem ser eliminadas, porque são dores produzidas por desajustamentos sociais e não inerentes à condição humana.

Num dos ensaios recolhidos no seu primeiro livro — La Escena Contemporánea, em que aborda precisamente o problema das relações entre os intelectuais e as lutas políticas, Mariátegui afirmava que em certos «períodos quietos» da história talvez se pudesse justificar o desdém de muitos intelectuais pela política. Mas tal desdém lhe parecia indefensável durante os períodos revolucionários, em cujas entranhas palpita o germe de um novo estado social e uma nova forma de ordenação política. «Nestes períodos» — escrevia — «a política deixa de ser ofício de uma rotineira casta profissional. (...) Uma revolução representa um grande e vasto interesse humano. Ao triunfo revolucionário desse interesse superior só se opõem os preconceitos e os privilégios ameaçados de uma egoística minoria. Nenhum espírito livre, nenhuma mentalidade sensível pode quedar-se indiferente em face de semelhante conflito».

O ensaísta reconhece, entretanto, que não são poucos os exemplos de intelectuais que manifestam «congênica estética» pela ação política. Mas por quê? Mariátegui explica: «Por trás de uma aparente repugnância estética pela política se dissimula e se esconde, às vezes, um vulgar sentimento conservador. O escritor e o artista não gostam de se confessarem abertos e explicitamente reacionários. Permanece nêles um certo pudor intelectual de se mostrarem solitários com o velho e o caduco. Mas a realidade é que os intelectuais não são menos dóceis nem menos necessários do que os homens comuns aos preconceitos e aos interesses conservadores». E mais: «O intelectual como qualquer imbecil, está sujeito à influência do seu ambiente, da sua educação e do seu interesse. Sua inteligência não funciona livremente. Possui uma natural inclinação para adaptar-se às idéias mais cômodas, não às idéias mais justas. Em suma, o reacionarismo de um intelectual nasce dos mesmos móveis e raízes que o reacionarismo de um tendeiro. A linguagem é diferente; mas idêntico é o mecanismo da atitude».

Estamos de acordo.

Luiz de Almeida Pereira

# “A Rapôsa e as Uvas” na URSS

LEONID GRIGÓRIEV (dramaturgo soviético)

Em 1957, num dos números da revista soviética «Teatro» foi publicada pela primeira vez a versão russa de «A Rapôsa e as Uvas» — peça do dramaturgo brasileiro Guilherme Figueiredo.

Naquele mesmo ano tivemos a estréia de «A Rapôsa e as Uvas» nos melhores teatros do país: em Moscou, no Teatro de Arte Gorki e em Leningrado, no Grande Teatro Dramático Gorki. A nobre idéia dessa peça, que poderia ser chamada de poema à liberdade, empolgou os espectadores soviéticos.

Assim se iniciou a marcha triunfal desse espetáculo, devido a um destacado escritor do Brasil e da América Latina de nossos dias, pelas cidades da União Soviética.

Os leitores, naturalmente, terão interesse em saber que, sem contar Moscou e Leningrado, a peça «A Rapôsa e as Uvas» foi apresentada em algumas dezenas de teatros soviéticos. Ela obteve grande êxito na longínqua Kamtchátka, onde foi representada no teatro dramático da cidade de Petropávlovsk e não foi menor seu sucesso no outro extremo do país, nas cidades de Minsk e Lvov, situadas a uma distância de mais de dez mil quilômetros uma da outra. Infelizmente, num arti-

drieva — representante da jovem geração que pouco tempo antes havia ingressado no Teatro de Arte, mas que já havia conquistado a popularidade.

O desempenho de V. Toporkóv empolga-nos de tal forma que, até o fim do espetáculo, o espectador não deixa escapar nem uma palavra nem um gesto. Quando o ator pronuncia as primeiras palavras da parábola de Esopo «A Rapôsa viu o leão», sua voz é calma, mas, quanta força oculta, quanta profunda sabedoria de vida sentimos nessa calma. O espectador vê que o escravo Esopo — um dos maiores poetas da Grécia — não quer ser um homem-coisa, que ele tem sede de liberdade. A aspiração à liberdade é a paixão única de sua vida. Toporkóv nos convence da simplicidade, do humanismo e da calma olímpica de seu herói. Não vemos nenhuma explosão de cólera, nenhum gesto brusco de indignação. Não se trata porém de indiferença ou conformismo. Pelo contrário, atrás disso tudo, ocultase uma enorme força de sentimentos, uma grande resistência interna, uma coragem amadurecida e uma grande força de vontade. E a ação dessa paixão profundamente oculta que se sente em Toporkóv, é tanto mais forte quanto mais raramente se manifesta. Suas palavras sobre a vida livre ressoam como um canto inspirado. A última cena do espetáculo é muito temperamental. Ai se revela até o fim, diante do espectador, a beleza espiritual de Esopo.

Opõe-se diametralmente a Esopo a figura fútil e presunçosa do rico Xantós, na brilhante interpretação de B. Petker. Temos diante de nós um escravocrata arrogante, hipócrita e de apocada inteligência, encerrado em seu pequeno mundo de «desejos satisfeitos». Intelectualmente impotente, mas orgulhoso, Xantós, em suas palestras com Esopo, procura constantemente encontrar um tom «digno» e decidido. Mas, quanto maiores são seus esforços, tanto mais evidente se torna o paradoxo encerrado no fato de um filósofo com alma de escravo querer rebaixar até seu próprio nível o escravo com alma de verdadeiro filósofo. A contínua agitação febril de Xantós é acentuada por

Petker para mostrar como é grande nêlo o desejo pouco inteligente de tudo açambarcar, de gozar gulosa e rudemente dos bens da vida. O talentoso desempenho de Petker mostra-nos Xantós tal como ele é: repugnante, fátuo, covarde e vil. A sensualidade é erigida por ele no sentido mesmo da vida. Que significação tem para um tal «filósofo» o homem, a liberdade, a verdadeira beleza?

A figura criada pelo artista Petker é engraçada, excêntrica e, de certo modo, autêntica em sua nulidade humana e em sua falta de inteligência.

A esposa de Xantós, Cléia, na interpretação encantadora de A. Andreieva, é uma mulher inteligente, irônica e, ao mesmo tempo, pérfida. Ao esposar Xantós, ela trocou sua liberdade pelas honras e pela riqueza. Ela tem consciência da nulidade de seu esposo, não o ama e o despreza. Conquistada pela inteligência e pela coragem de Esopo, Cléia lhe forcece seu amor mas, infelizmente! — o escravo rejeita-a.

Durante o espetáculo, Andreieva revela com mestria o comportamento de Cléia. No início, a feitura de Esopo causa-lhe horror e ela pede que o levem de sua casa. Depois, pouco a pouco, deixando-se vencer por sua inteligência, ela se admira, pois nunca antes havia visto homens assim. Essa reação vai-se transformando em paixão impetuosa. Rejeitada pelo escravo, ela resolve vingar-se. Coloca o vaso de ouro do templo de Apolo no saco de Esopo. Mas logo se arrepende. Exorta Esopo a se declarar escravo, salvando assim a vida em nome do amor. Ela está pronta a acompanhá-lo mas, todos os esforços são baldados. Esopo escolhe a liberdade e, portanto, a morte.

Andreieva, artista de grande talento e encanto, obtém um sucesso quase completo na interpretação da figura complexa e contraditória de Cléia. Difícilmente podemos concordar apenas com o fato de a artista trazer para o palco a harmonia do equilíbrio. Na realidade, a figura de Cléia é fria apenas no início da peça. Depois do encontro com Esopo um tumultuoso impeto de sentimentos abala sua alma.

Permanece na memória a figura do capitão da guarda Agnostos, cujo papel é desempenhado pelo conhecido ator de teatro e cinema M. Nazvánov. Figura extraordinariamente grotesca, baseada numa combinação muito cômica da pompa externa e da extrema pobreza do conteúdo interno.

O Teatro de Arte revela integralmente o caráter nitidamente polémico da peça e a variedade de gêneros que engloba. O diretor P. Lesli encontrou o estilo que corresponde ao seu espírito. Nesse espetáculo unem-se orgânicamente cenas de um grotesco muito vivo e um simbolismo muito transparente, acessível a todos os espectadores. Cenas com um caráter nítido de farsa são seguidas por outras de grande elevação trágica, uma ironia sábia e triste é substituída por cenas patético-heróicas ou líricas, de um lirismo vibrante.

Em 1959 o dramaturgo brasileiro visitou a União Soviética. Se anteriormente Guilherme Figueiredo soubera da apresentação de sua peça em Moscou e Leningrado por confrades seus que aqui estiveram, ele pôde agora assistir aos espetáculos e palestras com os atores e diretores.

— O que eu vi no palco do Teatro de Arte — disse Figueiredo ao correspondente do jornal «Cultura Soviética» — ultrapassou todas as expectativas, apesar de o teatro ser famoso em todos os recantos do globo. O espetáculo criado pelos atores, pelo diretor e pelo encenador dos cenários do Teatro de Arte de Moscou é sincero e nobre. Isso tornou-se possível graças à grande força interna dos atores, à sua capacidade de penetração na idéia encerrada na peça.

Essa obra do dramaturgo brasileiro encontrou na União Soviética um público enorme, constituído por espectadores e leitores. Esse público, educado nas gloriosas tradições de Tolstói, Dostoiévski, Tchécov e Gorki é receptivo às obras verdadeiramente talentosas e progressistas. E exatamente nisso que, penso eu, está o segredo da popularidade da peça de Figueiredo na União Soviética.



## O filósofo escravista

Depois de sucumbir aos encantos e carinhos de Cléia, seu escravo, Xantós começa a desesperar-se com a ausência de sua esposa, que foge atrás de Esopo. Conseguindo, com a prisão deste, trazer Cléia de volta à casa, com ela se reconcilia, e volta a ser fiel a seu amor, fazendo ouvir moncos às suas juras de amor e a seus apelos sensuais.



# Poços de Caldas (Mais 20 Municípios) Com Lott e Jango

POÇOS DE CALDAS — MG (Do Correspondente) — Lott e Jango realizaram nesta cidade, dia 19, o primeiro comício eleitoral em que apareceram juntos. Fato curioso: também participaram do comício o ministro Clóvis Salgado e o deputado Santiago Dantas, ambos candidatos a vice-governador de Minas, respectivamente pelo PR e pelo PTB. Outro orador foi o sr. Tancredo Neves, candidato a governador do Estado pela coligação situacionista, com apoio das forças populares. A manifestação prestada aos candidatos nacionalistas (mais de 10 mil pessoas reuniram-se a noite na principal praça da cidade, com a presença de 20 delegações de municípios próximos, incluídos 3 de São Paulo) foi considerada a maior demonstração política jamais registrada aqui.

dos membros da Frente Democrática Nacionalista do Sul de Minas, que tem sua sede nesta cidade.

**Antes da mudança**

Em reunião de que participaram representantes do PSD e do PTB, o sr. João Goulart afirmou que os projetos da previdência social e de regulamentação do direito de greve serão aprovados antes da mudança da capital da República para Brasília.

**Comitê sindical**

BELO HORIZONTE (Do Correspondente) — Dirigentes sindicais e líderes trabalhistas representando a quase totalidade dos sindicatos da capital, em reunião recentemente realizada, organizaram o Comitê Sindical dos Trabalhadores pró-Lott-Jango-Tancredo, elegendo sua diretoria e diversas comissões como as de propaganda, finanças, organização de comitês de empresas,

etc. Sua ação terá possivelmente caráter estadual, já participando de suas comissões líderes sindicais do interior. O Comitê deverá ser instalado solenemente em grande ato público. É a seguinte a direção do Comitê: presidente de honra: Clodsmith Riani; presidente: Fousto Drumond; vice-presidente: João Luzia; 1º secretário: João Carlos Júnior; 2º secretário: Sival Bamberia; 1º tesoureiro: Delmi Vilela; 2º tesoureiro: Almir Leal.

## Teatro "Eu Sou o Espetáculo"

Os primeiros meses do ano são de marasmo, no ambiente teatral. Torna-se difícil fazer um comentário atualizado, pois não há estréias e as peças em cartaz já estão se despedindo. Para a semana entrante há vários lançamentos em perspectiva. Portanto, resolvemos assistir, para informar aos leitores, ao espetáculo que oferece maiores possibilidades de permanência.

«EU SOU O ESPETACULO» está no teatro Rival há oito meses, parece. José Vasconcelos, o cômico e imitador, é autor, empresário, ator, produtor. Tudo enfim. Trabalha quase sempre só, algumas vezes apenas, acompanhado de seus músicos. Artista de muitos recursos, se desempenha muito bem, nas extenuantes duas horas em que mantém constantemente interessado o público, bastante numeroso ainda depois de oito meses. Suas imitações são perfeitas, tanto no referente à voz e sotaque, como às características raciais ou profissionais, dos imitados. As vozes inconfundíveis dos narradores dos jornais cinematográficos, a «bossa» e os diversos «estilos» dos locutores de futebol, a ironia ferina e impiedosa do nosso Ary Barroso na sua Hora do Calouro, as músicas populares de diversos países: tangos, mambos, flamengas, francesas (em uma ótima imitação do grande Maurice Chevalier) número em que José de Vasconcelos demonstra também suas possibilidades dramáticas, com voz e máscara muito expressivas, seu número de «toureiro» toureando um animal imaginário e conversando com a Vaca Risolleta, as anedotas e fatos verídicos ocorridos em suas andanças profissionais... tudo é apresentado de maneira correta, limpa, viva e de molde a fazer de «EU SOU O ESPETACULO», uma diversão recomendável a jovens e velhos.

E já que tanto se fala em higiene mental e a melhor maneira de fazê-la é exatamente esquecer durante algum tempo, as terríveis preocupações e os inumeráveis problemas que nos sobrecarregam a mente, é sempre recomendável escolhermos alguma coisa que nos faça rir um pouco. Pena é que o prego não seja mais popular.

### DIVERSAS

... e por falar em popular: não seria possível às PIONEIRAS SOCIAIS dedicarem uns dois ou três espetáculos aqueles que mais apreciam o gênero circo — que são os trabalhadores e suas famílias — desse fabuloso CIRCO DE MOSCOU — com pregos à altura dos que ganham apenas... salário mínimo?

... os jovens do Teatro de Arena em grandes atividades. Grandes e sérias. Vera Gertel ensaiando arduamente e atuando em TV. Vianninha visitando morros e sindicatos, pesquisando para uma nova peça.

... as notícias muito contraditórias quanto ao que estaria acontecendo em Portugal com a Cia. Maria Della Costa. Uma coisa, entretanto, parece clara: que as manifestações contrárias à belíssima obra de B. Bercht «A ALMA BOA DE TSE-TSUAN» são provocação de elementos salazaristas, orientados e acobertados por gente das próprias esferas oficiais.

... consta que a situação econômica das duas companhias que se aveturaram a temporadas no exterior — a de Maria Della Costa e a de Caçula Becker — é bastante difícil. Ambas estão bastante desfalcadas, com a volta de inúmeros elementos, ao Brasil.

Beatriz Bondeira

## Palavras Cruzadas

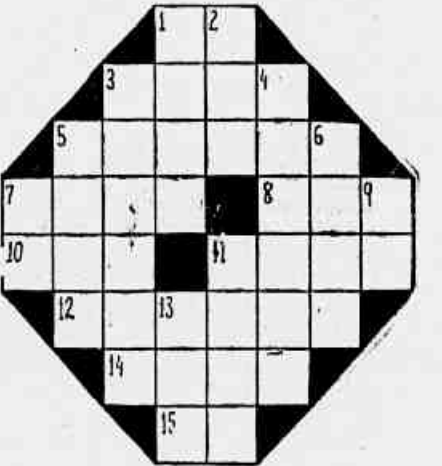
F. Lemos

### HORIZONTAIS

- 1 — Forma arcaica do artigo «o». 3 — Nome próprio masculino. 5 — Estabelecimento sucursal ou dependente de outro. 7 — O que na Idade Média divertia os príncipes com os seus ditos chocarretos e morrises. 8 — Sinal gráfico. 10 — Intimo. 11 — Vivenda. 12 — Terraço; cobertura plana do edifício. 14 — Ópera de Verdi. 15 — Rio da França.

### VERTICAIS

- 1 — Vento forte. 2 — Preceito que deriva do poder legislativo. 3 — Grande serpente da família dos Boídeos. 4 — Grade de ripas, varas ou canas para sustentar parriciras ou outra qualquer planta sarmentosa. 5 — Grande apetite de comer. 6 — Que tem a superfície plana ou sem asperzes. 7 — Prefixo que designa repetição ou duplicação. 9 — Símbolo químico do Látânio. 11 — Palavra indicativa de que uma coletividade de pessoas



### RESPOSTA DO PROBLEMA Nº 2

- HORIZONTAIS — 1 — Relevar; 8 — Levar; 10 — A. C.; 12 — Rei; 13 — Pá; 14 — Nau; 16 — Lei; 17 — Assassino; 18 — Não; 19 — Sal; 20 — Ao; 21 — Eva; 23 — La; 24 — Umari; 26 — Brasido. VERTICAIS — 2 — El; 3 — Ler; 4 — Eversivas; 5 — Val; 6 — Ar; 7 — Bananas; 9 — Gaiolas; 11 — Casão; 13 — Penal; 15 — Uso; 16 — Lis; 21 — Ema; 22 — Ari; 24 — Ur; 25 — Id.

ção, quando todo atrapalhado entrara na sala do chefe. Queira ver, era um pitimeto daqueles dentro da caatinga, debaixo do trote da carabina. Não dava nem fumaça. Mas ali, tudo afiado pra mangan dos outros.

A raiva estourava dentro dele. E agora, ainda por cima, o amarelo rindo também, à espera que ele se decidisse. Cachorro! Dava-lhe vontade de dar uma mesma uma caçetada de abrir as bandinhas da cabeça dele, pra ver se o miolo do desgra era amarelo também. E se matasse a misura do japonês? Sei lá... Esses tranca-lhos vinham das terras deles pra qui com toda a proteção do governo. Diz que vinham pra roças, mas quando chegavam sempre eram campeão de não sel que peste de luta e iam ficando pelas cidades, de barriga cheia. A gente não... Quando a malvada da seca torrava tudo, se roia era os pés nas caminhadas infinitas pela picarra e as mãos cavando cova pra enterrar os filhos mortos de fome e de «caminheira». Na volta (quando se voltava), as terras já tinham outros donos, o jeito era se trabalhar ali-gado ou ir deixar os ossos no Sul...

Seu olhar cruzou com o do oficial, como a pedir-lhe opinião.

— Pode marretar com força. O homem sabe se defender. Se éhe lhe desarmar, corto um mês de soldo.

Zé Francisco sentiu uma onda de vibração percorrer-lhe os nervos. Sua musculatura desenvolvida o arcabouço fazendo surgir uma compleição de atleta, camuflada aos olhos do nipônico pela mal forjada roupa de brim mescla. Bruscamente tirou-lhe das mãos o pau d'arco.

Foi apenas um instante aquela transformação. Displacientemente, deu dois passos à retaguarda, fazendo campo. Colocou o cacete, seguro nas duas mãos, pelo lado direito e por trás da cabeça que parecia repousar sobre elas, como que dormindo na pontaria...

Quase nada lembrava do lutador na iminência do combate. Quebrava apenas a imobilidade, quando o adversário negaceando tentava-se aproximar. Mas um observador que atentasse para os seus pés notaria que as grossieiras alpercatas mal tocavam o solo, como que transfiguradas nos sapatos de um rude dançarino de «ballet» prestes a levar o dono ao espaço, em um salto libertador. Do balandrou de mescla azul, grosseira confecção de alguma costureira sertaneja, emergia um rosto de ossatura rígida e saliente, mal coberto pelos músculos em trisma e por uma pele bronzeada de mestiço, mas onde brilhavam dois olhos planos de ólio e que não se desprendiam da cabeça do inimigo, somente da cabeça...

Ninguém viu o movimento. Ouviu-se apenas um estalo seco como o deflagrar de um raio e o ruído surdo da queda de um corpo.

A primeira martelada fora desferida na cabeça de serpente...

Aracaju, outubro de 1956.

ANIM BRANCO é o nome de um livro de contos, a ser editado ainda este ano, de autoria do dr. Renato Mazze Lucas, médico psiquiatra sergipano. Contista já consagrado em sua terra — numerosas de suas criações literárias têm sido publicadas na imprensa de Aracaju — somente agora deverá sair em livro, no qual serão enfocados alguns dos seus melhores contos inéditos. Não temos dúvidas de que esse primeiro livro do dr. Renato Lucas receberá da crítica e do público a acolhida merecida. Sentimos nos, por isso, honrados em poder divulgar, em primeira mão, um dos trabalhos que compõem "ANIM BRANCO".

# O Judas Falcão Vai Ser Queimado Sábado da Aleluia

«Falcão será queimado sábado da Aleluia» — esta foi a sentença a que o Tribunal de Abutreberg (o réu era um abutre), instalado na sede da UNE às 21 horas de terça-feira última, condenou o ministro da Justiça. O julgamento foi realizado em movimentada sessão da FAL KLUX CAO. Dez jurados, todos com capuzes pretos, votaram a sentença por unanimidade. Tiveram ainda papel destacado nos trabalhos: o vogal, o escrivão, o promotor, o auxiliar de acusação, o advogado de defesa e o juiz, estes de capuzes brancos. O «juiz», solicitando aos jurados «isenção de ânimos», deu por aberta a sessão sob a «proteção de Deus e do movimento democrático do povo brasileiro». O espírito do ministro da Justiça esteve presente no julgamento após um autêntico ritual de macumba que trouxe o dito cujo das profundezas do inferno para onde fora levado pelo ódio dos estudantes e do povo do Distrito Federal. Pôde, portanto, ouvir «pessoalmente» a leitura da violenta ata de acusação lida pelo «juiz» na qual Falcão foi acusado de homicídio, tentativa de homicídio, colúnia, violação de domicílio, roubo, lesão corporal, e outros crimes. A assistência emocionada aplaudia ininterruptamente. Falaram ainda o representante do «Miristério Estudantil», o auxiliar de acusação e, por fim, o advogado de defesa. O Conselho de Sentença declarou o réu culpado, e o juiz pôde, já altas horas da noite, ler a sentença tão esperada: condenação de Falcão a morrer queimado em praça pública no dia 16 de abril próximo.

### OUTRAS REALIZAÇÕES

Esse julgamento encerrou uma série de iniciativas realizadas em diversos pontos do país dentro da campanha pela demissão do ministro da Justiça e em defesa da Escola Pública. A greve nacional dos estudantes constituiu grande êxito. Foi apoiada pela totalidade das UUEE, atingindo S. Paulo, Bahia, Minas, Distrito Federal, Alagoas, Rio Grande do Sul, Goiás, Pará, Ceará, Maranhão, Amazonas, Paraíba Pernambuco, Sta. Catarina e Sergipe. O Estado do Rio decretou luto por 3 dias e foram realizados enterros do ministro em São Paulo e Minas Gerais.

### CONCENTRAÇÃO E PASSEATA

Promovida pela UNE, UBES, UME, Sindicatos e Servidores Públicos foi realizada na semana passada uma grande

concentração na Câmara Federal. Durante, o ato usaram da palavra os deputados federais Lycio Hauer, salvador Losacco, Sérgio Magalhães, o conselheiro metropolitano Aron Abend, o secretário-geral da UME Antônio Estevam, o presidente em exercício da U-E, Paulo Tatti, o presidente da UBES, Raimundo Nonato.

No dia 19, promovida pelo CACO, foi realizada uma passeata tendo à frente a sua diretoria, um representante da UNE, o secretário-geral da UME. Saindo da Faculdade Nacional de Direito, a passeata dirigiu-se ao Catete, tendo sido entregue a um representante do presidente da República um manifesto exigindo a demissão do ministro esparcador.

«A luta prosseguirá» — anunciaram os estudantes, até que o governo seja saneado de um dos seus piores elementos.

# AMES (verdadeira) continua na UNE

Em nota pública, a UBES acaba de esclarecer que não reconhece a diretoria eleita no pseudo-Congresso secundarista realizado no MEC. Ao mesmo tempo, prestiga o estudante Mauro Fonseca Pinto, presidente da Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas, legalmente reconhecida.

A verdadeira diretoria da AMES acaba de realizar um Conselho de representantes ao qual compareceram mais de 30 colégios.

O conselho elaborou um Manifesto que tem como itens principais: Considerar W. Cordeiro de Miranda per-

sona non grata dos secundaristas coriocos. Ratificar que a sede da AMES continua funcionando na Praia do Flamengo, 132. Convocar um Congresso Extraordinário para 9 e 10 de abril, a fim de julgar os diretores e donos de colégio, responsáveis pela tentativa de divisão do movimento estudantil secundarista. Hipotecar irrestrita solidariedade ao presidente da AMES, Mauro Fonseca Pinto.

O Conselho ainda aprovou um voto de repúdio aos responsáveis diretos pela campanha de desmoralização das entidades estudantis.

## Concurso da Rádio Moscou

A Rádio Moscou transmite diariamente para o Brasil, de 19 às 21 horas (hora do Rio de Janeiro), na faixa de 25 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de

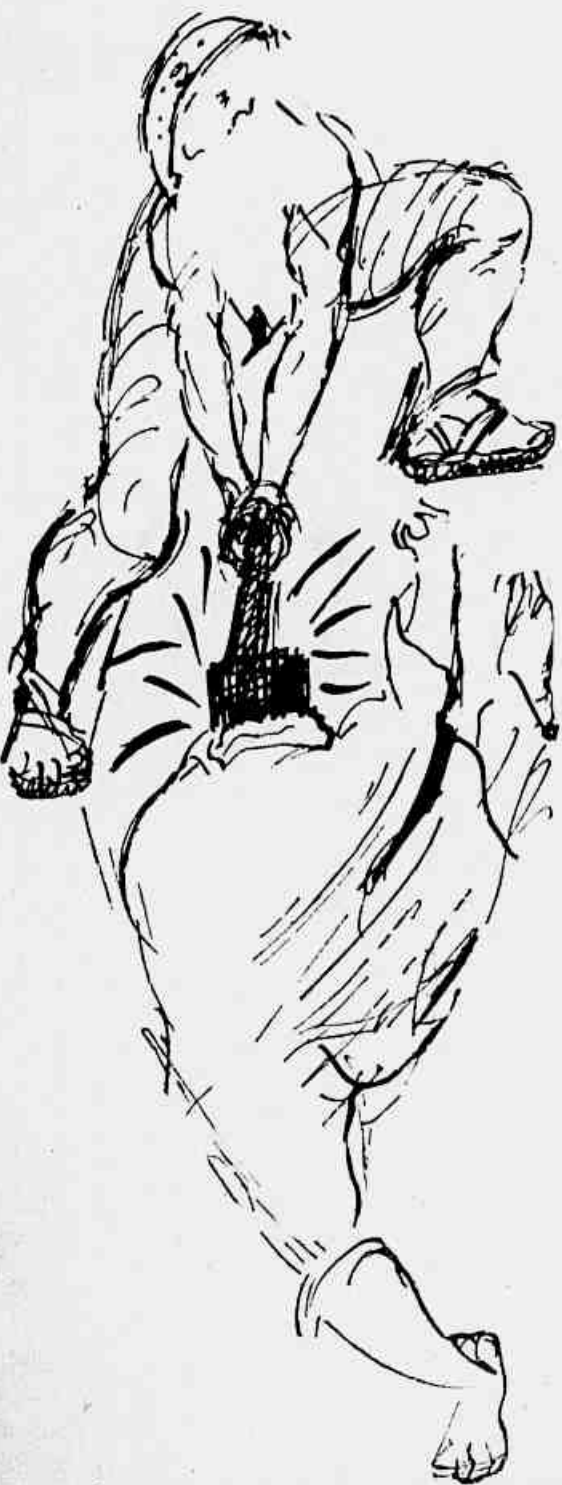
- 11,75 megacíclos (25,53 metros)
- 11,87 megacíclos (25,27 metros)
- 11,92 megacíclos (25,17 metros)

e na faixa de 31 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de

- 9,63 megacíclos (31,15 metros)
- 9,80 megacíclos (30,61 metros)

### Concurso

Todas as quartas-feiras, às 20,30 horas, é transmitido um programa especial (Rádio Universidade), com interessante concurso e distribuição de prêmios. \*\*\*\*\*



# O Campeão de Jiu-Jitsu

Conto de RENATO MAZZE LUCAS

— Tu vai bater com pau im mim. Bate forte. Mim vai tirar pau de tua mão.

Trajando um alvíssimo quimono de seda, o treinador japonês que pronunciava estas palavras oferecia uma pesada tranca de porta ao canhestro sertanejo.

— Oie, seu moço — replicou este hesitando em tomar a arma das mãos do amarelo — cum cacete num se brinca. Olhou em volta como à procura de alguém capaz de dissuadir o nipônico daquela aventura.

A sala da Secretaria de Segurança estava repleta de investigadores, oficiais e sargentos da Polícia Militar, além dos funcionários que haviam deixado suas carteiras para assistir àquela luta improvisada. Iam-se defrontar ali a destreza do jiu-jitsu e a contundência do porrete, a astúcia nipônica e a negação do jagunço, enfim, a inteligência do super-homem versus a bronca estupidez do sertanejo rude.

Corria o ano de 1936. Os regimens totalitários brotavam no solo de vários países, com a ferocidade das ervas daninhas. Para garanti-los, surgiam por toda parte as polícias especiais, super-alimentadas e especialmente treinadas em espancamentos e torturas dos povos privados das suas liberdades. Também em alguns Estados do Brasil foram aparecendo as PE-zinhas locais. O governo da Bahia, interessado em criar a sua, havia importado aquele japonês que viera a Salvador dizendo-se campeão de jiu-jitsu e com o cartaz de já haver treinado a polícia de São Paulo.

O homem acabara de fazer uma explanação teórica de como impotenciar um adversário armado a cacete, perante aquela assistência ávida em requintar sua capacidade de reduzir a espécie humana a um molho de fato...

É claro que nem todos os presentes haviam compreendido a algaravia pela qual o oriental se expressava. Nem era preciso. A tradicional luta japonesa já possuía um conceito universalmente firmado. Ali estava falando um campeão e, como se tal não bastasse, um lídimo representante de uma das três nações privilegiadas que dentro em breve, a ferro e fogo, iriam dominar os mestiços inferiores.

Ao concluir sua primeira aula, o campeão anunciou uma demonstração. A seu pedido trouxeram uma maciça tranca de porta de pau d'arco e com um sorriso ele convidou um qualquer dos assistentes para adversário. Ninguém se moveu dentro da massa de tiras que lotava o recinto. Cessaram as conversas e um silêncio de expectativa dominou o ambiente.

Apenas um tenente da Polícia, comandante de uma das voltantes que dava caça aos bandos de Lamepeão, contemplava a cena com um sorriso irônico. A certa altura irritou-se com aquela covardia.

- Zé Francisco! chamou ele rompendo o silêncio.
- Inhê, meu tenente? — respondeu uma voz do fundo da sala.

— Venha resolver esta parada aqui...

A assistência em péso voltou-se para ver o adversário do campeão. Ouviram-se algumas risadas.

Um sertanejo desengonçado levantou-se a custo, como se o achatsse o reumatismo, da posição de cócoras em que estava e encaminhou-se para o seu superior com visível má-vontade.

Era um contratado do Destacamento do Nordeste da polícia baiana. Nasceram em cercanias de Canudos, seus avós haviam participado da guerra sertaneja, um deles fora dos últimos a tombar na defesa do povoado heroico. Em 32, batido pela seca, fora dos últimos também a abandonar o sertão e seguir para o litoral, relutância que lhe custara perder o único auxílio que o governo da época dava aos flagelados: combater a revolução de São Paulo. Quando atingiu a Bahia, ela terminara. Sem dinheiro, passando fome, aceitou o lugar de contratado na volante. Era um meio de voltar ao sertão. Durante quatro anos palmilhou os rastos e as caatingas no encalço dos bandos de Zé Baiano, Lamepeão, Angelo Roque e outros. Era-lhe indiferente aquela luta, da qual participava porque lhe pagavam, da mesma forma que estaria em qualquer um daqueles bandos se as circunstâncias o houvessem determinado. A vida no sertão é assim mesmo, uma luta de morte pela vida.

Agora estava ali todo enleado, no meio daquela gente toda. Tava mesmo de urucubaca. Já não bastavam os dias de aborrecimentos no Hospital Militar, onde baixara para tirar uma bala na coxa, resultado do último encontro com o bando de Corisco. Também que ideia besta dera na cabeça do Tenente Zé Rufino. Na hora da saída tentara de passar na Secretaria pra ele conhecer o chefe de polícia. Pra quê? O resultado tava aí... Metido no meio daquela gente toda e ainda mais um diabo de amarelo querendo bancar o bicho pra cima dele. Não tava vendo que aquilo não ia dar certo? Aquê-le cotóco de gente lá aguentar uma paulada dada de jeito?

Sentia-se mal. Gótas de suor brotavam-lhe da fronte. Não que tivesse medo do sujeito, ao contrário. Tinha a impressão de que ele, homem feito, ia bater numa criança. O que lhe azucrinava, isto sim, era o ambiente. Ora vejal até umas pizetas dumas sirigaitas, pintadas que nem uma caretas de «intruidos», tinham largado de cantar milho nas máquinas de escrever pra vir oitar ele estrebuchar nas mãos do amarelo. Pois fum! Tinha graça! Deixar éhe lhe desautorizar na vista de tanta gente. Home, esses brancos tem cada uma...

E como cochichavam. Na certa mangavam dele, da sua roupa de mescla azul, das alpercatas e do chapéu de couro que um arrenegado lhe tinha tirado da cabeça, sem sua li-



# Sob Cêrculo Inimigo Cuba Faz Justiça

Padre ANAKI DE ASPIAZU  
(Serviço Especial de PRENSA LATINA)

Reproduzimos a seguir um artigo do Padre Anaki de Aspiazu sobre a situação existente em Cuba. O padre Aspiazu é de origem basca, tendo sido expulso da Espanha pelo ditador Franco em 1937. Viveu vários anos na França e na Itália, indo depois da guerra para a Argentina, naturalizando-se cidadão daquele país. O padre Aspiazu é o chefe da assistência espiritual das penitências argentinas e realizou, em fins do ano passado, uma viagem por toda a América para entrar em contato com o sistema judiciário e penitenciário dos países americanos.

Voltei de novo a Cuba. Pela segunda vez tive a impressão de que rompi o cerco, que rodeia a ilha. Cerco invisível e impalpável, sem sentinelas e sem exércitos; mas fechado por todos os pontos cardeais. É o cerco formado pelas notícias, que impedem ver de fora a verdade cubana. Atrás dele, em toda a América Latina, deixei amigos, que receberam com alvoroço a vitória da revolução e hoje adotam para com ela uma atitude de dúvida e de receio, quando não de hostilidade.

São as vítimas da propaganda contra-revolucionária. Compreendo sua posição. Também sofri durante muitos meses o bombardeio das notícias internacionais. Confesso que tive de manter alerta o espírito crítico, para que meu entusiasmo inicial não se arrefecesse.

Primeiro foi o caso da justiça fidelista, que era qualificada de monstruosa; depois veio a campanha contra a reforma agrária, da qual se dizia que era comunista; eu estava na Colômbia, quando veio a ofensiva da depuração ideológica, por motivo da detenção e julgamento de Rubert Matos; difundiram-se mais tarde as notícias alarmantes de que o Governo de Cuba procurava criar uma Igreja Nacional; hoje andam dizendo, que na ilha as milícias armadas semeiam o terror.

Tenho larga experiência das justças revolucionárias. Vi-as e também as padei na zona governamental e rebelde da Espanha durante a guerra civil; na França, sob a opressão hitlerista e depois da libertação; na Itália e em outros países da Europa. Sem esquecer Nuremberg. Essas justças comparadas com a realizada pela revolução, que saiu de Sierra Maestra, são uma monstruosa iniquidade. Nenhuma revolução ou após-guerra na Europa deste século pode apresentar a lista completa de condenados e suas respectivas sentenças, tal como o pode fazer o Governo Revolucionário de Cuba. E lembre-se que não eram muito favoráveis as condições psicológicas do país. Da noite para o dia, Cuba ficou sem autoridades, sem polícia, sem exército, sem administração. Desceram das montanhas os revolucionários, saíram de seus esconderijos os perseguidos de Batistas, assaltaram a rua as mães, esposas e filhos de vinte mil assassinados pela ditadura mais cruel da América Latina. Era de se temer que as vítimas se convertessem em verdugos. Gragas à sensata campanha dirigida de Sierra Maestra por Fidel e secundada pelos seus nas aldeias e nas cidades, o povo cubano deu a mais alta lição de civismo — incomparavelmente superior à dos povos europeus. Deixou que os tribunais fizessem justiça. Houve quase setecentos fuzilados e há na atualidade cerca de dois mil e quinhentos presos, nenhum dos quais foi maltratado e cujo número diminui vertiginosamente à medida que os condenados

vão cumprindo suas penas. Dentro de quatro anos, não passarão de trezentos os mantidos em prisão.

Tive a oportunidade de assistir ao julgamento de Hubert Matos. Presenciei as duas sessões mais importantes desse julgamento. Na primeira, deu seu testemunho o Comandante das Forças Armadas, Raúl Castro Ruz; na segunda, foi apresentado como testemunha do Ministério Público o Primeiro-Ministro, Dr. Fidel Castro. O tribunal foi presidido por um militar inteiro: os advogados de defesa gozavam da mais ampla liberdade para inquirir e ressaltar as atenuantes; as testemunhas, nem uma só vez se refugiaram em sua alta condição revolucionária e aceitaram as frequentes interrupções dos advogados e dos acusados; estes, contra todos os hábitos nesses casos, pediram e obtiveram o uso da palavra, não só para expor seu pensamento, como também para dialogar, às vezes ampla e acaloradamente com tão destacadas testemunhas. Houve momentos de grande dramaticidade. Aquêle, por exemplo, em que Fidel consentiu em que Hubert Matos, que pedia em tom exultante fosse permitido replicar, subisse à tribuna. O diálogo entre o Primeiro-Ministro e Matos foi vivo e também esclarecedor. Durou a contenda verbal quarenta e dois minutos. Sua argumentação contundente, exposta com abundância de pormenores durante quase oito horas.

Percorri quase todos os cárceres de Cuba. Falei livremente, sem vigilantes, com os presos políticos, a quem se chama de criminosos de guerra, porque todos os condenados sofreram punições impostas por delitos de sangue, ou por enriquecimento ilícito. O fato de ter sido militante batistiano, não acrescido de crime, não é motivo para prisão em Cuba. A qualificação de criminoso de guerra poderá parecer duvidosa fora de Cuba. Aqui, não o é. Porque é inquestionável que o perigo

de agressão externa, agravado pela colaboração dos contra-revolucionários, é real. Foi julgada a intenção de agosto último: que teve seu ponto de partida em Santo Domingo e fortes ligações no interior de Cuba.

Assisti ao julgamento. Ninguém nega em Cuba os fatos que são julgados: que vários aviões trujillistas aterrissaram em território cubano, que um grupo de mais de uma centena de contra-revolucionários foi surpreendido no momento em que iam lançar a ofensiva armada. Falei com os advogados da defesa. Também com o promotor. A instrução primária durou três meses. A defesa teve acesso ao sumário e aos acusados dentro da máxima liberdade. Se forem condenados, os acusados irão para a penitenciária, e não serão maltratados. E eis onde eu queria chegar. Falei com centenas de presos políticos, e nenhum se queixou de maus tratos. Existem, realmente, em algumas prisões, condições precárias. É o mal geral das prisões na América Latina, contra o qual luta o governo de Cuba com leis para diminuir as penas e com modernas instalações penitenciárias.

Ao encerrar este comentário penso na doutrina de Pio XII sobre a justiça e a delinqüência política. Seria melhor se existisse um Direito Penal Internacional e Tribunais com juizes neutros. A isto se opõem, principalmente os ditadores, que, por cruel ironia dos tempos, ao invés de serem julgados, se sentam na mesa dos legisladores da terra. A isto se opõem também muitos governantes, que em virtude de um pragmatismo repudiável, apóiam aos ditadores, quando estes estão mandando, e os repudiam quando caem. A justiça sofre por isto, e se tornam inevitáveis as justças nacionais revolucionárias que, por não serem penderadas como em Cuba, oferecem graves inconvenientes. (Copyright Prensa Latina).

## Nota Internacional

## Com a Palavra o Ocidente

Dois iniciativas tomadas pela União Soviética em Ginebra concentraram a atenção da opinião pública mundial nestes últimos dias. A primeira foi a aceitação por Semion Tsarapkin, chefe da delegação soviética nas conversações sobre o desarmamento nuclear e a proibição das experiências atômicas, do plano anteriormente apresentado pelos Estados Unidos e Inglaterra. Segundo esse plano, seriam proibidas as experiências na terra, no ar e no mar e as subterâneas acima de certa intensidade. De acordo com a proposta de Tsarapkin, esta proibição seria complementada por um compromisso formal de não realizar experiências subterâneas de pequena intensidade até que se possa conseguir um mecanismo para detectá-las, quando então seriam proibidas. A proposta soviética foi imediatamente qualificada como extremamente importante, tanto pelos Estados Unidos como pela Inglaterra.

Chegamos, deste modo, a um ponto em que não há mais motivo algum para adiar a assinatura de um acordo de proibição das experiências atômicas, primeiro passo para o desarmamento nuclear. Os Estados Unidos vinham opondo resistência à proibição das experiências subterâneas sob a alegação de que elas facilmente poderiam ser confundidas com outras similares, o que tornaria difícil a fiscalização. Com a nova proposta, esta objeção é afastada. O compromisso de não realizar experiências atômicas subterâneas só não será aceito pelos países capitalistas se eles não estão dispostos a acabar com as experiências atômicas, contrariamente às suas repetidas afirmações. Também a França não poderá escapar à condenação mundial caso não aceite a proibição. Qualquer recuo nas posições do Ocidente será o reconhecimento aberto de que não deseja acabar com a guerra fria e o perigo de uma nova guerra.

A outra iniciativa soviética foi tomada na subcomissão de desarmamento da ONU, atualmente reunida em Ginebra com a presença de cinco países capitalistas e cinco socialistas. O representante soviético Valerian Zorin deixou claro na conferência que seu Governo, como o próprio Kruschiov afirmaram na ONU, é inteiramente favorável à fiscalização internacional do desarmamento. Zorin afastou, desse modo, a especulação feita pelos governantes e as agências capitalistas de que a União Soviética não aceita o controle do desarmamento. O que a União Soviética não aceita, e nem pode aceitar, é a insistência ocidental em iludir a opinião pública mundial, exigindo o controle de imediato e adiando o desarmamento para as agendas gregas, como o faz o plano ocidental. O que é inaceitável é que as discussões sobre o desarmamento sejam aproveitadas pelos países imperialistas exclusivamente para intensificar sua oposição nos países socialistas, como o confessou o coronel Leghorn, especialista norte-americano em reconhecimento aéreo. Controle, sim; mas controle do desarmamento efetivo, e não espiagem.

Fausto Cupertino



## Brizzola na RDA

O governador Leonel Brizzola, quando de sua recente visita à República Democrática Alemã, percorreu a Feira de Leipzig e entrou em contato com altos funcionários da RDA. Falando à Agência ADN, disse o governador do Rio Grande do Sul que teve a possibilidade de levar a cabo conversações muito interessantes com os vice-ministros

do Comércio Exterior, Gerhard Weis e Kurt Enkelmann. «Esperamos que as relações comerciais entre o Brasil e a RDA, que se têm desenvolvido de forma bastante satisfatória, experimentem nova ascensão, disse o governador gaúcho. A Feira da Primavera de Leipzig é magnífica. Pode convencer-me de que a produção e as necessida-

des, tanto do Brasil como da RDA se complementam de modo favorável». O governador Leonel Brizzola, na foto (à esquerda) com o vice-ministro do Comércio da RDA, G. Weis, tratou da possibilidade de importar equipamentos e instalações industriais para o Rio Grande do Sul

## UGANDA: RETRATO DA AFRICA COLONIAL

# Na Terra Das Belas Montanhas um Povo Acorda Para a Luta

ABU MAYANJA

Uganda é o retrato da África colonial: uma região de vastos recursos, um povo seqüido de liberdade e de progresso, oprímido pelas cadeias da opressão estrangeira. Abu Mayanja, ex-secretário do Congresso Nacional de Uganda, retrata no artigo que abaixo publicamos a vida e os anseios da gente da sua terra.

O nacionalismo africano em Uganda não tem nada de misterioso. Somos nacionalistas em parte porque estamos descontentes com o estado de coisas atual, em parte porque é enorme a nossa esperança de realizar grandes progressos quando formos senhores de nosso próprio país. Estamos descontentes com nosso nível de vida, em nada superior ao mísero nível vital. Somos pobres; muitos de nós são doentes; de cem crianças que nascem em nosso país, quarenta não atingem os quinze anos; temos poucas escolas e elas não são boas; os impostos são pesados; sofremos as humilhações da discriminação racial; não nos é possível exprimir livremente nosso pensamento sob pena de sermos presos ou exilados. Toda nossa economia está estreitamente ligada às necessidades da Inglaterra; nossas colheitas são vendidas a preços vis; duas vezes depois do início do século nossos homens tiveram que lutar em guerras terríveis, com as quais nada tínhamos a ver; não somos iguais diante da lei; não temos bandeira para desfilar, ou hino nacional para cantar; e, acima de tudo,

somos governados por estrangeiros que não têm nem compreensão, nem respeito, nem simpatia por nosso modo de vida, nossos pensamentos, nossos sentimentos. Será que Deus ou a Natureza quiseram isso? Devemos responder, sem dúvida alguma: «Não!» Somos humanos e não cavalos que podem ser obrigados a obedecer a qualquer ordem. Nosso país é um dos mais belos do mundo, ensolarado, cheio de lagos e de florestas. Nosso solo é rico. E também amplo — quase 150 mil quilômetros quadrados de terra arável — e somos bastante numerosos — mais de 5 milhões — para nele viver, trabalhar, desenvolvê-lo e ser feliz. Podemos colher praticamente todas as plantas tropicais em Uganda e cultivamos muitas delas: algodão, café, chá, açúcar e tabaco. Temos grandes lagos e podemos utilizar suas águas para nos fornecer energia e irrigar as regiões de nosso país que não recebem chuvas suficientes. Uma represa já foi construída no Nilo e fornece mais eletricidade do que os senhores coloniais podem utilizar

porque a enviam para o Quênia, embora a maioria de nós tenha ainda que queimar madeira como faziam nossos ancestrais para cozinhar nossos alimentos e iluminar nossas casas. Não se avalia ainda completamente os recursos minerais da Uganda, mas o que já se conhece revela vastas reservas minerais de ferro e de cobre. Nossa população é inteligente, trabalhadora, progressista — já nos chamaram «japoneses da África» — e nosso clima nos convém.

Nestas condições e com nossas colinas e montanhas tão grandes e belas, do alto das quais podemos contemplar as estrelas do céu, chegamos à conclusão de que não somente nosso destino é o de sermos livres e orgulhosos, mas ainda que possuímos os recursos, tanto humanos como naturais, que nos permitem construir uma vida melhor e mais elevada.

AREA: 243 mil quilômetros quadrados, quase igual à do Estado de São Paulo.  
POPULAÇÃO: 5.767.000 habitantes, igual à da Bahia.  
ORGANIZAÇÃO: Uganda, protetorado britânico, está dividido em quatro províncias: Buganda, Oriental, Ocidental e Norte. O país é dirigido por um governador colonial, assistido por um Conselho Executivo, cujos oito membros são nomeados por ele, e um Conselho Legislativo, com 28 membros nomeados e 28 eleitos, dos quais apenas 14 são africanos.  
CAPITAL: Entebbe; cidades principais: Kampala, Jinja.  
ECONOMIA: a principal produção, desenvolvida é a de algodão, responsável por 4/5 da exportação; produz-se também café, chá, cana de açúcar e tabaco; Uganda possui grandes reservas de energia hidroelétrica, cobre, volfrâmio, salifreagem, estanho e outros minerais.

## Kruschiov na França



Ora, o sputnik... Há quanto tempo que a gente já conhecia esse truque.

## África do Sul: governo fascista chacina negros

Quase cem mortos, várias centenas de feridos, inclusive mulheres e crianças, foi o balanço da repressão sangrenta do governo da África do Sul à manifestação inicialmente pacífica dos negros que protestavam contra o infame regime de «passos» a que estão submetidos. Na África do Sul, a população negra, que constitui a maioria esmagadora, além de ter que viver confinada nos lugares impostos pelo governo branco, é obrigada a solicitar «passos» quando quiser entrar nos lugares reservados aos brancos. O primeiro ministro da África do Sul, Hendrik Verwoerd, que até o fim da guerra publicava um jornal hitlerista, mobilizou até aviões a jato para chacinar os manifestantes que atenderam à convocação do Congresso Nacional Africano. Vale assinalar que alguns dias antes o fascista Verwoerd havia declarado que a população negra africana, em sua imensa maioria, não estava interessada na independência. De fato, foi o que se viu.

## Eisenhower esqueceu-se de Jânio

O Congresso de Porto Rico votou uma moção de censura ao presidente Eisenhower. Motivo: durante sua estada naquele país associado aos Estados Unidos, Eisenhower concluiu os portorriquenhos a votarem no sr. Luis Ferré, candidato do Partido Republicano de Porto Rico às próximas eleições presidenciais. Diante das críticas dos democratas e da reação da opinião pública, um porta-voz do presidente norte-americano disse que Eisenhower «apesar de recomendar um candidato de seu partido». Dizem que o sr. Jânio Quadros ficou muito aborrecido com Eisenhower por não ter feito a mesma coisa no Brasil. Da mesma forma que o presidente dos Estados Unidos recomendou o sr. Ferré nesse propaganda jânio em sua visita ao Brasil, seria por isso que Jânio resolveu ir a Cuba, numa pirraça aos seus amigos que não cumpriram o tra-

## Argentinos votarão (em branco) contra Frondizi

Depois dos comunistas e peronistas, anunciava-se em Buenos Aires que também os socialistas iriam votar em branco nas próximas eleições do dia 27, para renovação da metade do Congresso argentino. A atitude dos socialistas, que ainda não decidiram entre votar em branco ou se absterem, se deve também ao fato de que as eleições serão realizadas num ambiente de repressão e perseguição política, não permitindo qualquer pronunciamento democrático. A medida que se aproximam as eleições, o governo de Frondizi aumenta ainda mais as medidas policiais. Sem a aprovação do Congresso, o governo pôs em execução o chamado «Plano Coninter» (Comocion Interna). Os setores democráticos e nacionalistas responderam imediatamente que não existe qualquer comocion, a não ser a provocada pelo próprio regime de Frondizi, que se serve da ditadura para defender os monopólios, lanques.

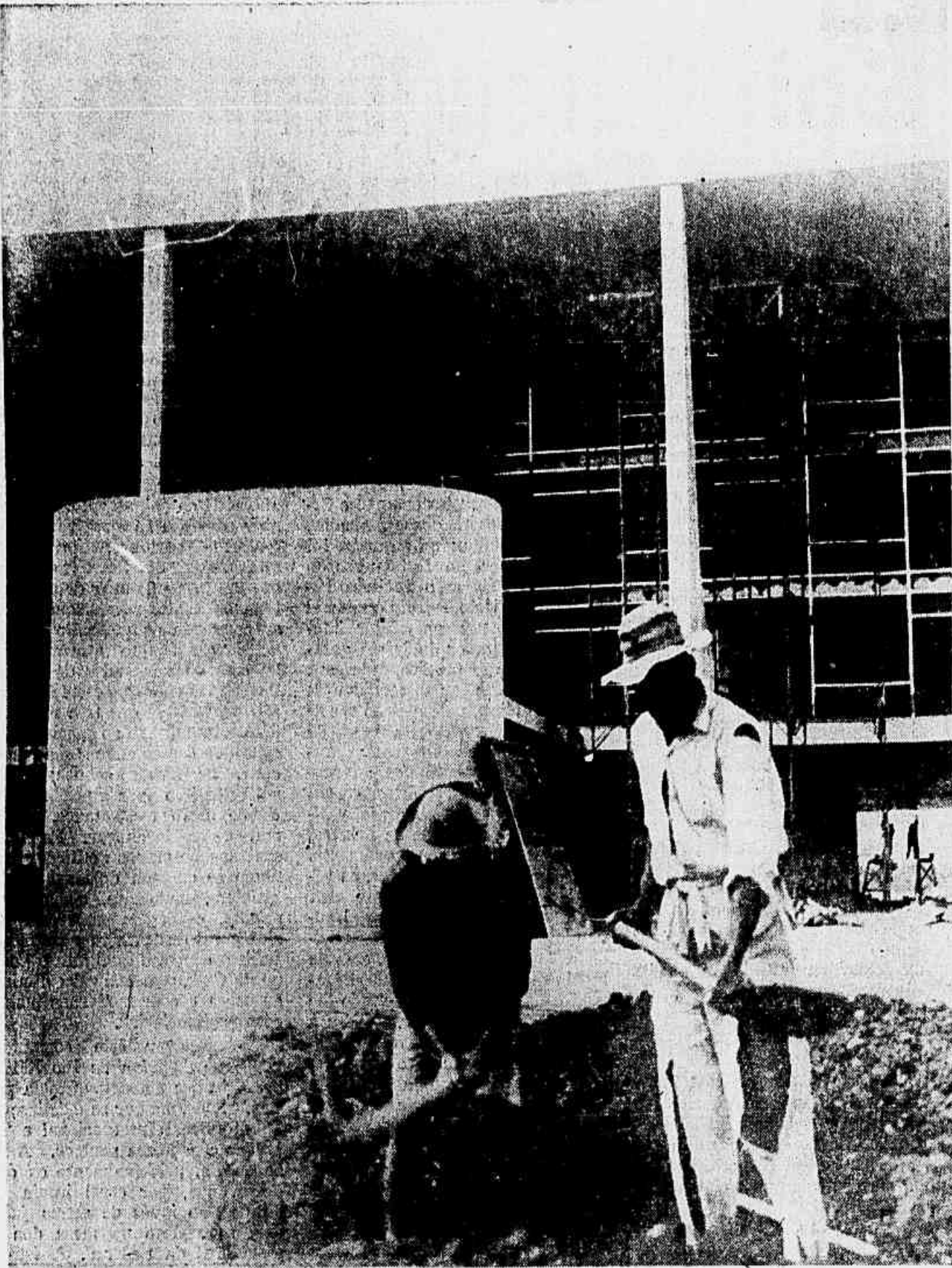
## Enfim, o que querem os EUA?

Antes da visita do presidente Eisenhower ao Brasil e outros países latino-americanos, os círculos políticos norte-americanos, comentavam abertamente que o Governo dos EUA queriam que o «problema cubano» (isto é, a intervenção dos Estados Unidos em Cuba) fosse resolvido dentro da Organização dos Estados Americanos. O presidente Eisenhower iria discutir a questão com os governantes daqueles países, ouvindo suas sugestões. Pouco tempo depois, o sr. Juscelino Kubitschek sugeriu, numa entrevista, que o Brasil poderia servir de mediador entre Cuba e os Estados Unidos, para uma solução pacífica e amistosa. Imediatamente, a Casa Branca rejeitou a mediação e afirmou que o «problema» era apenas entre Cuba e os Estados Unidos e seria resolvido bilateralmente. Nesse quiloproquo uma coisa é certa: aos EUA o que interessa não é nem a solução bilateral, nem a multilateral. Qualquer solução serve... desde que beneficie os monopólios.



# Mãos de Candango Fizeram Brasília

Texto e fotos de JOSUÉ ALMEIDA  
enviado especial de NOVOS RUMOS



## Epopéia de candango

— Bela é Brasília, mas empolgante é a epopéia do candango, de cujas mãos está crescendo a capital. Ainda ontem, conhecia apenas rudimentares instrumentos de trabalho, constituía parte deste imenso exército de camponeses brasileiros sem terra, sem direitos, sem assistência, a outra face do Brasil. Assimilando em prazos brevíssimos a mais avançada técnica da construção, o candango transforma audazes projetos em realizações de rara beleza plástica, como esse Palácio dos Despachos (foto).

# NOVOS RUMOS

## Brasília e Candangos em Flashes

NA MONTAGEM das estruturas metálicas do anexo ao Palácio do Congresso, nada menos de oito operários perderam a vida ao cair de andares elevados. É muito alto o número de acidentes no trabalho. Segundo dados do Sindicato, entre janeiro e dezembro de 1959 verificaram-se 4.100 acidentes, isto é, quase um para cada dez operários. Brasília está sendo erigida também com o sangue e a vida dos trabalhadores.

xxx

A Caixa Econômica de Brasília — cujo movimento supera o de qualquer outro banco de Goiás — tem 16 mil contas-correntes, muitas das quais de candangos. Em dezembro, muitos deles foram passar as festas com a família. Houve uma verdadeira corrida à Caixa, que não contava com o impacto...

xxx

És o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil em números: fundado em agosto de 1958, com 154 membros, como Associação Profissional, tem hoje cerca de cinco mil sócios. É maior do que todos os outros órgãos da classe operária de Goiás, tomados em conjunto. Seu prestígio é cada vez maior.

xxx

O cuscuz e o cuscuzeiro — é como alguns nordestinos chamam a cancha e a cúpula do belo Palácio do Congresso, transportando para um plano familiar a concepção monumental de Niemeyer. Quando terminou o revestimento da cúpula, num gesto espontâneo de entusiasmo pela obra, os operários cercaram-na com uma enorme coroa feita com galhos de árvores. O arquiteto ficou profundamente emocionado.



## Presença dos trabalhadores

— Não tem sequer dois anos de existência e já é o maior sindicato do Estado de Goiás. É bem o símbolo da presença da classe operária, não apenas por seus anônimos construtores de uma obra monumental, mas como uma força social organizada, que luta pelos seus direitos e pela libertação do país.

CEARENSE de nascença, com 22 anos de idade, Francisco Alves Ferreira é hoje vigia de um jardim de infância, depois de ter sido servente de pedreiro. Trabalha agora 12 horas por dia, como servente trabalhava até 14 e 15. Paga-lhe 17 cruzeiros por hora, acrescidos de 20 por cento depois das primeiras oito horas. Ele ainda se lembra do seu primeiro ordenado: três mil e poucos cruzeiros por uma quinzena de trabalho. É dos que ganham menos.

É verdade que no Ceará, para ganhar a mesma coisa, teria que trabalhar seis meses. Porque, conforme nos disse, ainda hoje um trabalhador rural no seu Estado recebe apenas 15 ou 20 cruzeiros por dia. À primeira vista, parece que a situação de Francisco melhorou muito. Mas, não é tanto assim. Convém não esquecer que antes ele era um camponês sem direito e hoje é um operário construtor de Brasília. Além disso, o custo da vida em Brasília é igual ao do Rio, ou mais elevado. Aqui, o salário mínimo é de 25 cruzeiros por hora e todo mundo sabe que é muito pouco. Essa, aliás, a razão por que uma das reivindicações principais dos operários de Brasília é a equiparação do salário-mínimo de lá, hoje fixado em 3 200 cruzeiros mensais (lão baixo que até a Novacap paga mais), ao do Rio de Janeiro.

Francisco Alves Ferreira, antigo camponês sem direitos, hoje operário da construção, não pensa em voltar ao seu Ceará, senão para rever os pais. A tanto se resumem também os seus planos para o futuro imediato. Como a esmagadora maioria dos operários de Brasília, Francisco não sabe ler. (E aqui vai uma pequena retificação: em Brasília, há hoje de dez a doze escolas primárias e não três, como saiu na última reportagem, por um lapso de revisão). Francisco não se queixa de doenças, ao contrário sente-se com sustança.

Os candangos de Brasília são calcula-tos em 50 mil.

### Os mais enérgicos

Geralmente vêm dos campos do Nordeste — da Bahia ao Piauí —, mas também são muitos os que chegaram de Minas, de S. Paulo, Estado do Rio, Distrito Federal, ou lá do Extremo Norte, do Pará. Consiço, trazem apenas a roupa do corpo e um saco: farinha, rapadura e raramente carne seca. Alimento para dez ou vinte dias de viagem, amontoados nos paus-de-arara. Quando têm família deixam para trazê-la depois. Quase todos estão na faixa dos 15 aos 30 anos, mais para os vinte e poucos. Pertencem, os do Nordeste,

àquela categoria de sobreviventes do brutal processo de seleção a que o latifúndio, a seca e a espolição imperialista submetem as populações brasileiras, principalmente as do campo. São homens de extraordinária vitalidade, capazes de ainda encontrar em si mesmos forças para rebelarem-se contra a miserável existência que sempre viveram seus pais e avós. Por serem fortes é que se metem num caminho, viajam dias intermináveis quase sem se alimentar e ainda chegam vivos a Brasília.

### Condições de saúde

Veio do Norte? Então os médicos do hospital do IAPI já sabem. Pedem o exame e encontram, em grande porcentagem, o de que já suspeitavam: o amarelo, endêmico no interior do país e, entre a população operária de Brasília, com incidência maior que a esquistosomose. Fornecem o medicamento e, pelo menos até aqui os resultados têm sido bons. Foi o que me declararam os médicos daquele hospital, tendo um deles, o dr. Cardoso, acrescentado:

— Também são muito comuns os casos de catapora, cachumba e sarampo, o que e explica pelo fato de tratar-se de populações vindas do campo, sem defesa orgânica contra os vírus. Mas, sem maiores conseqüências. Passam uns dias de cama e logo se recuperam. O pior mesmo são as doenças nas crianças. Quando nos são trazidos, os pequenos enfermos já estão quase mortos e geralmente mais nada podemos fazer.

### Condições subhumanas

Esses humildes construtores de Brasília vivem em condições subhumanas. Ou moram nos acampamentos das empresas de engenharia, em terrível promiscuidade, ou em sórdidas favelas construídas à beira do lago — a chamada Vila Amauri — e atrás da Cidade Livre. O acampamento é um vasto barracão de madeira onde são armadas camas e rédes. Higiene, mesmo, não há: basta dizer que algumas camas não chegam sequer a esfriar. Quando um ocupante se levanta, deita-se outro, que acaba de deixar o turno de trabalho.

A alimentação fornecida pelas companhias, se bem que vendida a preços mais baixos do que nos restaurantes públicos, consiste invariavelmente em feijão, arroz e carne. As reclamações são muitas. Todos os operários com quem falei, das diversas companhias, disseram-me que a comida é ruim. Entretanto, o esforço despendido no trabalho o exige, e eles tomam duas dessas refeições por dia. Diversões não têm e como a grande maioria não trouxe família o jeito mesmo é trabalhar dia e noite, não pensar noutra coisa senão no trabalho; e quando o corpo já está rendido pelo cansaço, atirar-se a uma cama e dormir.

E assim os candangos vão plasmando Brasília.

### A vida de antes

Brutal é o regime de trabalho, mas as condições de vida que eles tinham antes de ir para Brasília, eram ainda piores. Antes, levavam a existência de camponeses sem terra, sem direitos, sem saúde, vivendo à margem da economia do país. Agora, todos andam vestidos e calçados. Chama a atenção de quem conhece o interior do Brasil: em nenhuma obra de Brasília vi um operário descalço. Todos, mesmo aqueles que antes nunca usaram sequer uma alpercata, têm agora sua bota de candango, imposição da segurança do trabalho. Além disso: de má confecção, embora, às vezes de qualidade duvidosa, a alimentação é mais nutri-

tiva do que a rapadura com farinha que eles chegam comendo a Brasília. E como o clima é bom e eles já de si são cheios de energia, ficam até mais fortes apesar da exploração que sofrem.

Não se pense, porém, que aceitam passivamente as condições impostas pelas empresas que ganham rios de dinheiro às suas custas. Se assim fosse, a polícia não seria tão freqüentemente solicitada pelos patrões, nem haveria os protestos, nem a filiação massiva ao sindicato. Espantaria, ao contrário, se não caracterizasse a nossa época socialista, a rapidez com que esses homens, recém-chegados do campo, tomam consciência dos seus direitos e tratam de defendê-los.

### Crime não compensou

Quando um destacamento da polícia local, em fevereiro do ano passado, metralhou covardemente o acampamento dos operários da construtora Pacheco Fernandes, é possível que o tivesse feito como um 'escarmento aos trabalhadores. Estes apenas protestavam contra a qualidade da alimentação. Seja como for, apesar do assassinato de pelo menos um operário e de vários outros terem sido feridos, a verdade é que o tiro saiu pela culatra. Os criminosos receberam condenação unânime — não só da Justiça... — por parte da opinião pública e, o que é importante: o sindicato fortaleceu-se consideravelmente. Ampliaram-se muito os seus quadros e sua autoridade.

Hoje, o Sindicato dos Trabalhadores de Construção Civil exerce intensa atividade e é uma força atuante e eficaz em defesa dos interesses dos operários de Brasília. Diariamente, de 10 a 15 trabalhadores dirigem-se à sua sede para reclamar contra a arbitrariedade das construtoras: dispensas sem aviso prévio, sonegação de pagamento, retenção de carteiras profissionais, atraso de até dois e três meses na assinatura das carteiras, etc. O recurso à Justiça do Trabalho sofre, porém, uma séria limitação. É que todas as questões trabalhistas são encaminhadas ao juiz de Planaltina, dr. Lúcio Batista Arantes e, por maior que seja o seu esforço, não consegue dar vazão à torrente de processos que lhe chegam às mãos.

Aos homens do Governo que estão à frente da construção de Brasília atribui-se esta frase: a Justiça do Trabalho não deve atrapalhar a construção... Em outras palavras: não deve haver limites para a exploração dos trabalhadores. Essa a razão pela qual a criação de uma Junta de Conciliação e Julgamento é uma das duas principais reivindicações dos operários de Brasília. A outra é a equiparação do salário mínimo.

À frente da luta por estas reivindicações coloca-se o Sindicato, cujo prestígio é cada dia maior.

### E o futuro

É justa, justíssima a idéia de se erigir um monumento ao operário construtor de Brasília. Os arquitetos da equipe de Oscar Niemeyer são entusiastas dessa idéia.

Mas, o principal não é isto, é o futuro.

Que está reservado aos operários? Entre os objetivos visados com a transferência da capital há alguns profundamente reacionários. Os homens progressistas que participam na construção de Brasília compreendem-no bem. Será que a lição da história foi esquecida e que uma nova batalha da borracha está em gestação?

Nunca é demais lembrar que Brasília nunca seria Brasília, se não fosse o candango. No máximo, seria um belo sonho. Mas, cidade de pedra e cal, não.

## Crianças que eu vi

Por esse mundo onde andei, por essa vida que tenho vivido, em todos os cantos desta nossa terra, sempre encontrei crianças sofrendo. No nordeste, morrendo de fome. Morrendo mesmo, no meio das estradas, sem choro e com um pedaço de vela que, às vezes, nem dá para acompanhar toda a agonia. É que uma vela serve para muitas mortes... E, quando falta a vela, o sol ilumina, sozinho, o transe das árvores, dos bichos e das crianças. Vi crianças recém-nascidas deitadas em chão de terra batida. As mães fazem um buraco do tamanho dos corpos dos recém-nascidos, forram de trapos e ali os guardam até voltarem das ocupações. Outros levam-nos para debaixo das montanhas, enquanto capinam nas proximidades. Se as cobras não os mordem, à noite, voltam para a cama de chão batido. Vi crianças fugindo, à passagem de estranhos, porque aos 14 e 15 anos nunca vestiram uma roupa: Vi crianças trabalhando nas fazendas, de sol a sol, arrolados no contrato de trabalho do pai. E outras partindo pedras, desde os 5 anos de idade, no serviço do governo, quando há seca, sem horário, sem descanso, para receberem alguns centavos. Vi crianças pedindo esmolas, nos mercados, nas feiras, nas portas de igreja, nas estações, no cais do porto, como se pedir, fosse a única forma encontrada, no mundo, para alguém sobreviver. Vi, outro dia, perto de minha casa, crianças voltando dia porta da escola, porque não encontraram vagas. Irão bater na porta da cadeia? Vi crianças chorando com sede no morro do Querezeno. Vi centenas de crianças sem assistência médica, sem livros, sem sapatos, sem pai e sem mãe, mais perto do céu e muito distante das alegrias da terra, que elas nem sabem que existem. Já vi crianças dormindo nas calçadas, nos trens da Central, nos bancos de bonde, em qualquer lugar onde possam encostar o corpo... Ainda agora, estou sabendo que várias crianças, que vendiam amendoim, foram presas na Central. Deverão roubar amendoim? E essas crianças recolhidas à Delegacia de Menores, ao SAM, a todos esses lugares organizados pela nossa 'cristã sociedade, onde a violência, a humilhação, a degradação é instrumento evangélico usado para 'educá-los! Sempre, encontrei crianças sofrendo. Sempre. Mas, não imaginava que as chuvas pudessem enterrar crianças na lama, como na favela Canindé, em São Paulo. A fotografia mostra um menininho enterrado até o queixo, parecendo interrogar a natureza e os homens, a respeito de seu destino, carregado pelas águas do rio Tietê. Quando chegará a essas crianças o socorro prometido pelo governo? Talvez quando as águas dos rios tiverem voltando aos seus leitos e as crianças morrido sem um pedaço de vela, que não chegará para iluminar tanta miséria! Anoto no meu caderninho de tristezas: já vi crianças enterradas na lama. E ainda: as enchentes no Estado do Rio, em São Paulo, em Minas, na Bahia, no Espírito Santo não carregaram o destino de nenhuma criança rica...

Ano Montenegro

# BRASÍLIA - ANO I



MA 38 ANOS

# Registrado o Partido Comunista

Reportagem de AFFONSO CASCON

Os jornais da época não quiseram... não puderam entender toda a importância do acontecimento. Quando, há 38 anos, precisamente no dia 25 de março de 1922 era fundado o Partido Comunista do Brasil, a imprensa dedicava manchetes e abria grandes espaços às notícias sobre a próxima viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Páginas e páginas davam detalhes sobre o reide aéreo Lisboa-Rio. Torre de Belém de um lado, do outro o Pão de Açúcar, simbolizando a procedência e o destino dos arrojados aviadores lusitanos. Um novo Pero Vaz Caminha falava em «ares nunca dantes navegados».

Enquanto isto, o I Congresso do P. C. B. reunia nove delegados nos dias 25, 26 e 27 de março, em meio à grande agitação política que marcou os últimos meses do governo Epitácio e todo o quadriênio de Artur Bernardes.

## Omissão da imprensa

O repórter procura a notícia, nos jornais daquele dia, uma notícia mesmo breve, um simples tapa-buraco. Nada sobre o fato histórico. Encontra, sim, protestos contra onda de mosquitos «que domina a cidade», ao lado de violências policiais que, como se sabe, tem raízes bem antigas e profundas. No dia 26 de março, o Flamengo ganhava o Torneio Início...

No entanto, certos jornais davam — na época — boa acolhida ao noticiário sindical. A seção trabalhista de «A Pátria» era encimada por uma adaptação nacional da célebre palavra-de-ordem do Manifesto Comunista: «Trabalhadores do Brasil, uni-vos!»

Os anarquistas, que dominavam o movimento sindical da época, não vi-

ram com bons olhos a formação do Partido. Esse menosprezo à nova força que surgia no campo político nacional influiu, sem dúvida, na omissão da imprensa contemporânea.

## A casa da Praia Grande

Ainda existe a velha casa da rua Visconde do Rio Branco, 651, em Niterói. Prédio de dois andares, com quatro quartos, ali morava Astrojildo Pereira. Só os moradores são outros: o mesmo número, a mesma fachada amarelo-desbotada, o mesmo estilo. Alguém talvez maior: em 1922 era de 120 mil réis...

Nessa casa se realizou a sessão de encerramento do I Congresso, no dia 27 de março. O Partido, fundado dois dias antes, elegeu ali sua primeira direção e aprovou seus primeiros estatutos. Numa sala de frente, no térreo, Abílio de Nequete (barbeiro), Astrojildo Pereira (jornalista), Cristiano Cordeiro (professor), Hermogêneo Silva (metalúrgico), João da Costa Pimenta (gráfico), Joaquim Barbosa (alfaiate), José Elias (funcionário público), Luiz Peres (vassoureiro), e Manoel Cendor (alfaiate), eis os nove delegados que representaram os grupos comunistas já existentes em vários pontos do país.

## Só o Diário Oficial...

Os jornais não contam. Ou melhor, quase nenhum, porque o Diário Oficial de 7 de abril de 1922 publica o extrato dos estatutos. Assina-os a Comissão Central Executiva, eleita a 27 de março: Abílio de Nequete, secretário geral; e Astrojildo Pereira, Antônio Gomes Cruz Júnior, Luiz Peres.

No mesmo número do D. O., sai o registro da marca «SOCONY», de gaso-

lina, óleos e asfalto, a pedido da Standard Oil Company of New York...

A imprensa não oficial silencia. Uma crise agita o mundo árabe, é descoberto um complô contra delegados da URSS em Genebra e o estado de Lenin inspira cuidados. Elogios embora tímidos — ao grande dirigente da Revolução de Outubro. E a velha e vã esperança, sempre acalentada em certos círculos, à guisa de preocupação: encontrará a URSS alguém capaz de lhe completar a obra?

## A primeira sede

Mas o silêncio da imprensa não impediu que o Partido se tornasse, desde aquele momento, uma realidade. E funcionasse e crescesse e se tornasse força ponderável e atuante em todos os acontecimentos subsequentes.

Seu período de legalidade foi curto. Bernardes já estava eleito e tomara posse em novembro. Mas já no 5 de julho era implantado o estado de sítio, a pretexto do movimento armado que abalou o país.

No entanto, logo após sua fundação, o Partido teve a primeira sede.

Parece que o destino foi caprichoso. Derrubaram-se milhares de prédios em toda a cidade. Mas, a exemplo da casa de Astrojildo, em Niterói, ainda está intacto o prédio onde funcionou pela primeira vez. Praça da República n. 40, esquina com rua da Constituição. Lá está o sobrado histórico, desafiando o tempo. Do outro lado da rua o Arquivo Nacional, outro prédio austero e incólume às picaretas e às transformações.

## História e emoção

Os moradores da casa de Niterói ou os ocupantes do prédio do Campo de Santana, que se sucederam, talvez não saibam o que ali se passou há cerca de 40 anos.

Em ambos há História, deles há muito o que contar. A frente dessas fachadas inda sentimos a emoção e o orgulho que se transmitia do rosto aparentemente sereno de Astrojildo, fundador do Partido, 38 anos depois.

A velha casa da Praia Grande e o prédio da antiga sede, no Rio, guardando todas as suas antigas características, parece que estão à espera de serem tombados pelo Patrimônio Histórico. Com mais profundas razões que outros — não se sabe bem porque — transformados em monumentos nacionais.

Ali há boa parte de nossa História. Ali houve debates, houve lutas, dramas de consciências de antigos anarquistas rompendo com o passado...



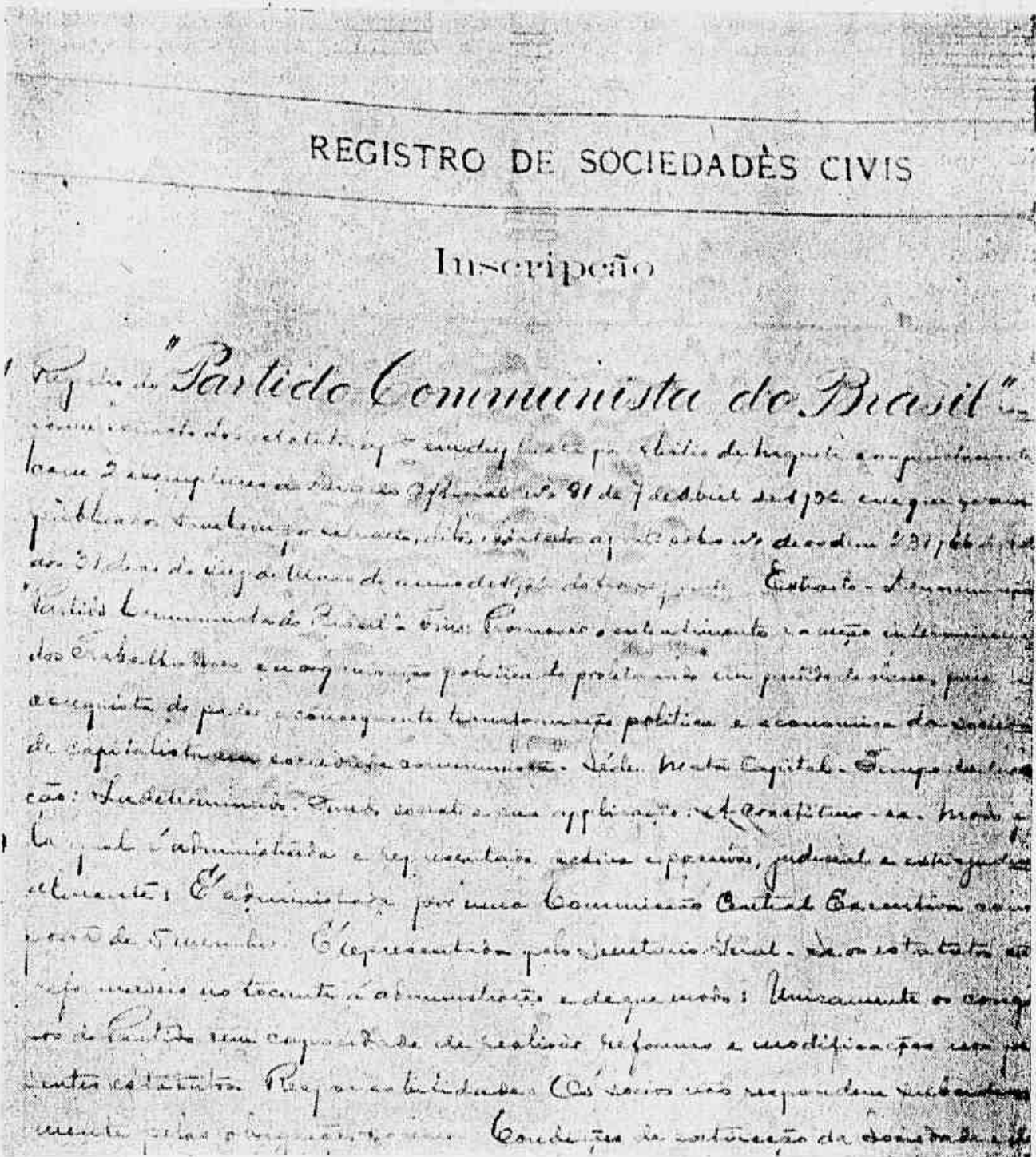
A velha casa da Praia Grande

Nesse prédio, ainda intacto, da rua Visconde do Rio Branco, 651, em Niterói, foi realizada no dia 27 de março de 1922, a sessão de encerramento do I Congresso do Partido Comunista do Brasil. Ali morava Astrojildo Pereira, fundador e integrante da primeira direção do Partido. A janela à direita, no térreo, é da sala onde se reuniram os delegados.



No Campo de Santana a primeira sede

Na praça da República n. 40, esquina com rua da Constituição, está o sobrado histórico (foto) onde funcionou a primeira sede do Partido Comunista do Brasil, desde a sua fundação até o estabelecimento do estado de sítio, a 5 de julho de 1922, quando foi fechada.



No antigo Cartório Teffé

O extrato dos primeiros Estatutos do Partido Comunista está registrado em Cartório. No livro n. 3, das Sociedades Civis, sob número 1.280, do antigo Cartório Teffé, atualmente 1º Ofício do Registro de Títulos e Documentos. O registro, que estampamos no clichê acima, foi efetuado no dia 31 de maio de 1922.

# NOVOS RUMOS







# Maria Antonia Rocha e Silva

«Parece-nos que o movimento para reforma da educação nacional, através da Lei de Diretrizes e Bases, está sendo objeto de várias confusões e mal-entendidos desde que, em da momento, houve um acasamento ao caráter de satisfação da necessidade popular e humana, para atender a interesses de ordem puramente política e particular.

«No momento em que os educadores, estudiosos dos problemas educacionais, levantam a questão de uma reforma geral da educação, procurando esclarecer os legisladores, desprezando-se a opinião e sugestão daqueles que, pelo conhecimento do assunto, experiência e estudo sistemático da problemática educacional do país em sua totalidade, são capazes de opinar com justiça e acérrimo. E, como consequência dessa irrisão, levantam-se questões de ordem particular, que não caem na proposição de uma lei geral de educação e que só trazem confusão e tumulto, dificultando a compreensão e desvirtuando seu sentido».

Resaltando em seguida que a imaturidade leva a polémicas a respeito da competência ou incompetência das escolas particulares e públicas, da exigência do concurso para os professores nas escolas públicas primárias, sobre o direito ou não da família de educar os filhos, prossegue:

## Educação democrática

«Segundo nossa Constituição, não há impedimento à iniciativa privada; portanto nenhuma lei que regule o dispositivo da Constituição, poderá modificá-lo sendo completamente estéril a discussão desse ponto. Como vivemos num regime democrático, temos o dever de levar a educação cada vez mais democrática, estendendo-a a maior número. Não há notícia de país democrático que não tenha ampliado cada vez mais o ensino público, dando, no entanto, liberdade à iniciativa privada, para atender às classes abastadas que podem custear os estudos dos filhos, mas uma iniciativa particular que tenha competência para manter-se sem subvenção dos cofres públicos. Em nenhum desses países a família sentiu, sente ou reclama que, pelo fato de o Estado dar ensino público gratuito, estejam esbulhados nos seus direitos de educar a pro-

le». É surpreendente ver como entre nós de repente se tornou uma questão de discussão violenta e apaixonada, desviando o exame da reforma educacional de seus devidos termos — o que não podemos saber se por ingenuidade ou ignorância apenas — a afirmativa de que há no projeto apresentado pelo Ministério da Educação, intenção de estabelecer um monopólio estatal do ensino, que a própria Constituição proíbe.

«A liberdade do ensino» que vem sendo defendida pelo grupo simpático à prioridade do ensino privado não tem a mesma conotação daquela defendida pelos educadores que se batem pela educação pública, constituindo um sofisma em torno da premissa falsa de que a escola particular é mais democrática do que a pública, em pleno século XX, diante de todas as conquistas sociais que a humanidade atingiu no seu processo evolutivo.

«A afirmação ingênua de que a equiparação de direitos decorrentes da formulação em escola normal pública ou particular «decorre do princípio democrático de igualdade» expressada há poucos dias por um de nossos parlamentares, revela até que ponto se ignora o quanto essa determinação é de natureza regulamentar, portanto devendo ser objeto de resolução local, atendendo à realidade de cada região. Os educadores que orientarem os sistemas educacionais locais é que deverão decidir, de acordo com o conhecimento que tenham das escolas públicas e particulares de que dispõem. Uma determinação tão particular, colocada nesses termos numa lei geral de educação, será imposta obrigatoriamente a todos os Estados e territórios do Brasil, tolhendo a autonomia que a lei de Diretrizes e Bases deve trazer à administração da educação no Brasil.

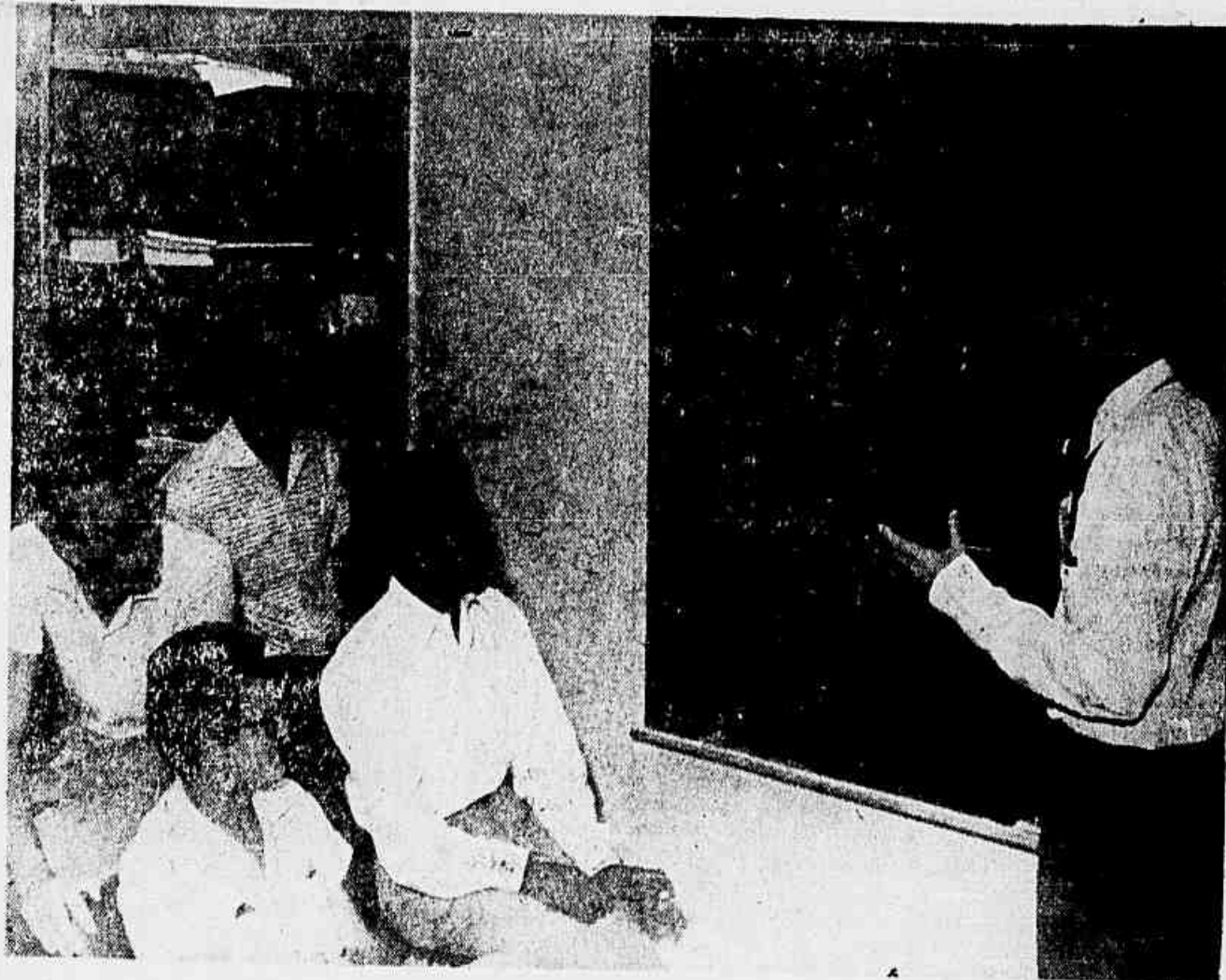
## Não é lei

«Ficaria muito extenso se nos detivéssemos na análise de todos os erros presentes no substitutivo ora em curso no Senado, principalmente porque o erro maior e que nos parece suficiente para invalidá-lo é o de que não tem, em absoluto, o caráter de uma lei geral de educação. Tem mais o caráter de um regulamento que não traça novos rumos para a educação na-

cional nem liberta a educação da rigidez curricular» como se expressou um parlamentar, porque como regulamento é muito restritiva e particularizante».

«Embora isso revele falta de maturidade, de uma consciência educacional autêntica que reclame, exija e propicie solução desse problema, é muito animador sentir que está sendo discutido, ventilado e a massa popular, imediatamente interessada, está tomando conhecimento da situação, já se podendo pensar em procurar uma solução.

«De qualquer modo, consideramos salutar essa discussão, muito mais construtiva do que o marasmo em que estávamos mergulhados há 3 anos atrás, quando nem se discutia o problema. Temos fé em que os nossos legisladores tenham um «insight» a tempo e deem uma demonstração de maturidade com o reconhecimento de suas limitações no campo educacional e procurem se apoiar naqueles educadores que o são na verdadeira acepção do termo, já pelo conhecimento dos problemas de educação em geral, já pela experiência e noção da problemática educacional do país na sua totalidade, na discussão e aprovação do projeto em curso no Senado e sempre que forem levados a formular uma lei de educação».



O país precisa de cientistas

Em suas declarações, o físico José Leite Lopes assinalou a importância que tem para os governos, no mundo de hoje, a formação de cientistas e técnicos indispensáveis ao desenvolvimento econômico. Sem escolas públicas isso não é possível

# José Leite Lopes

«Nos países mais avançados, diante do impacto produzido pelas recentes descobertas científicas, tornou-se uma preocupação primordial dos Governos a questão da formação dos jovens, dos cientistas e dos técnicos indispensáveis à manutenção do desenvolvimento econômico e da primazia científica. Nos Estados Unidos processa-se uma revisão dos métodos educacionais, caracterizada pela necessidade de uma intervenção maior do Estado na educação e na pesquisa científica. A Fundação Nacional da Ciência daquele país procura coordenar os laboratórios e universidades para que possam produzir maior número de cientistas e técnicos, procurando, assim, responder ao desafio pacífico lançado pela União Soviética.

«No Brasil, tradicionalmente, o ensino oferecido pelas escolas públicas tem sido incomparavelmente superior ao da escola particular. Toda medida tendente a diminuir ou anular a primeira será, em consequência, um passo para

trás. Na que se refere ao ensino e à pesquisa científicos, a omissão do Estado só poderá acarretar consequências graves, uma diluição de recursos e uma corrida aos cofres públicos, multiplicação de esforços e a implantação de um sistema caótico.

«A tendência no mundo moderno é a de o Estado oferecer educação gratuita para todos, instalar laboratórios centrais, não só nacionais como até internacionais, tais como o C.E.R.N. na Suíça e o laboratório de Dubna, na U.R.S.S.

«Para onde irá o progresso do Brasil se nosso país fugir do processo histórico do mundo moderno?

«Não é, pois, de admirar que as forças jovens e renovadoras da Nação — os estudantes, os professores e os cientistas — estejam empenhados em que o Congresso aprove uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, capaz de dar ao Brasil os meios de que necessita para alcançar melhor posição no mundo científico e cultural dos nossos dias».



Educação democrática

«Como vivemos num regime democrático, temos o dever de tornar a educação mais democrática, estendendo-a a maior número» — afirma a educadora Maria Antonia Rocha e Silva, argumentando em defesa da escola pública.

# Bayard Demaria Boiteux

«Duas correntes perfeitamente distintas chocam-se na presente conjuntura: a dos defensores da escola pública e a dos partidários da escola particular. Os primeiros desejam uma escola democrática, gratuita e laica, ao passo que os segundos querem auferir, geralmente, as polpudas subvenções do Estado, considerando a educação, a cultura e a instrução como peças de uma organização comercial de fins lucrativos ou como instrumentos de ideológicos. Defeito intransigente da escola pública porque promove, principalmente, a igualdade social, a igualdade de oportunidades e é um instrumento que acompanha de perto o desenvolvimento do nosso país. É preciso frisar que Nacionalismo e escola pública são termos correlatos. Não existirá um sem existir o outro.

«Não vou contra a escola particular. Mas, sendo uma organização comercial, deve ser fundada e viver com seus próprios recursos. O dinheiro que é destinado às escolas

públicas. E, além do mais, a escola do Estado dará, sem sombra de dúvida, melhores condições de vida ao professorado, melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, melhor ensino pois não tem, em absoluto, fins comerciais.

**Falhas a Combater**

«Para felicidade nossa, o anteprojeto aprovado pela Câmara tem, no seu todo, muita coisa de positivo. Precisamos portanto emendá-lo, não o repudiar in limine, como estão fazendo alguns desavisados. Do lamentável projeto Lacerda restam apenas alguns artigos. Vários artigos precisam ser emendados, outros suprimidos. Esta é, portanto, nossa atual tarefa.

«Apesar de todas as falhas, o projeto tem características democráticas. Dois princípios fundamentais devem ser apreciados nesse projeto: 1) Não enfraquece a unidade nacional; 2) não cria diferenciação de racas, condição social ou religião. Penso, no entanto,

que a religião é do foro íntimo de cada um, devendo ser ministrada apenas pela família, nos templos ou nas escolas confessionais mantidas pelos fiéis.

«A lacuna mais importante do projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é, a nosso ver, não conter um capítulo que se refira exclusivamente ao professor secundário. Enviaremos, brevemente, aos senadores estudos para evitar essa lacuna.»

**Solidário com as normalistas**

«Estou inteiramente de acordo com as alunas do Instituto de Educação e de mais escolas normais públicas na luta em defesa da escola pública. Realmente, só devem ingressar no magistério público as alunas formadas por esses estabelecimentos. As portas desses educandários estão abertas a todos. Quem quiser ser professora pública faça seus vestibulares através de exames rigorosos e o problema estará resolvido.»



O uso do dinheiro público

O dinheiro público só deve ser aplicado nas escolas públicas. O professor Demaria Boiteux, presidente do Sindicato dos Professores pensa assim.



O povo procura a escola pública

A professora Maria Elisa Rodrigues Campos, chefe do Distrito Educacional do Andaraí, realça a necessidade de aumentar-se a rede de escolas públicas, pois a cada vez maior a procura dos estabelecimentos oficiais pela população.

# Maria Elisa Rodrigues Campos

«É uma campanha meritória e necessária a dos estudantes em defesa da escola pública. Todos devem participar desse movimento, pois é o cúmulo pensar-se em acabar com a escola que atende realmente ao povo. O que se precisa fazer é aumentar o número de escolas existentes, fornecendo cada ano mais oportunidades de instrução.

«Nada temos contra as escolas particulares e a prova disso está em enviarmos os excedentes que as escolas públicas não comportam para as escolas particulares do bairro, pagando suas anuidades com verba oficial».

**Excedentes**

«O problema dos excedentes se repete todo ano e a solução de dividir o tempo escolar em três turnos é antipedagógica por atender mal à

criança, reduzir seu tempo de permanência na escola, além de cansar mais a professora. A procura crescente da escola pública pela população mostra que é necessário aumentar a rede de escolas públicas e não acabar com elas, como se pretende».

**Equiparação**

«No dia em que todas as normalistas de escolas particulares puderem ter a formação filosófica e a prática de ensino que têm as alunas do Instituto de Educação e das Escolas Carmela Dutra e Sarah Kubitschek, então se poderia pensar em igualá-las. Por enquanto porém, embora haja boas escolas normais particulares, não se pode comparar o ensino nelas ministrado com o fornecido pelas escolas públicas».





**Abraço de «amigo urso»?**

Jorgito, o urso que só falta falar, é a vedeta incontestável do Circo de Moscou, atualmente em exibição no Miracanjinho. Atualmente com seis anos de idade, Jorgito vem sendo treinado para o picadeiro desde os seis meses de idade, por Ivan Kudriavtsev (foto), a quem abraça com carinho e respeito.

**Jorgito no Picadeiro Deixa Gente Grande de Agua na Boca**

Ja viu, alguma vez, um urso andar de motocicleta? É provável que não. Pois bem: o urso «Gochka», amestrado pelo domador soviético Ivan Kudriavtsev, é muito aficionado a esse esporte.

Essa proeza, extraordinária até mesmo em animais bem treinados, foi há pouco apresentada, pela primeira vez, no picadeiro do circo de Moscou, e, a partir de então, o «artista» quadrúpede demonstra, com visível prazer e desembaraço, sua mestria ao público.

Há 9 anos, aos 19 de idade, Ivan Kudriavtsev começou a trabalhar no circo. Acabava de chegar a Ijevsk, procedente do campo, com o propósito de ingressar na

escola de agronomia. No entanto, decidiu de sua sorte na tarde em que pela primeira vez assistiu a uma função de circo. Começou a trabalhar como ajudante de um celebre domador soviético e a assimilar, com grande entusiasmo, suas experiências.

Dois anos após, encontrando-se na Sibéria, Kudriavtsev comprou de alguns caçadores um ursinho de mês e meio. Ivan gostou muito do gracioso animalzinho e lhe dedicou grande afeto, nunca dele se separando, e começou a ensinar-lhe os truques circenses quando «Gochka» chegou aos 6 meses de idade. «Gochka» demonstrou ser aluno inteligente e capaz.

Às vezes, é claro, o ursinho se tornava caprichoso, ficava indócil, mas Ivan nunca dele se aborrecia e nem o castigava. As carícias e o bom trato substituíam o chicote.

Decorreram, assim, dois anos a meio de perseverantes ensaios, até que, finalmente, em 1956, Kudriavtsev viu realizado seu sonho: estreou com seu pupilo no picadeiro. O êxito foi grande e merecido.

Em geral, os ursos amestrados fazem somente dois ou três truques. O urso de Kudriavtsev realiza com toda habilidade, sem necessidade de acoite, até 15 ardis diferentes. O repertório de «Gochka» é muito variado. Faz ruínas e dá cambalhotas no picadeiro e na barra; com a arena às escuras faz girar com as patas traseiras, um rolão com tochas; passeia de patim e de bicicleta. Como bom corredor, dá voltas pela pista em motocicleta com os faróis acesos.

«Gochka» cuida com esmero dos objetos de trabalho, que ele mesmo entrega aos auxiliares. Percorre a pista apenas com as patas dianteiras. E quando conclui o número, «Gochka» se aproxima de seu mestre, abraça-o e faz reverências ao público como a ressaltar os méritos de seu domador no êxito alcançado.

O jovem artista e seu urso são bem conhecidos na União Soviética e no estrangeiro, tendo atuado em muitos países e em toda a parte conquistam grande êxito.

**Primeiros Dias do Partido**

ASTROJILDO PEREIRA

O Congresso de fundação do Partido não foi coisa realizada de improviso, mas resultou de um trabalho de preparação que durou cerca de cinco meses. Por iniciativa e sob a direção do Grupo Comunista instalado no Rio a 7 de novembro de 1921, outros grupos se organizaram, nos centros operários mais importantes do País, com o objetivo precípuo de marchar para a fundação do Partido. Tinham-se em vista estabelecer certos pontos de apoio nas regiões onde havia alguma concentração de massa operária. Compreendia-se, por outro lado, que o Partido devia ter desde o início um caráter definido de partido político de âmbito nacional.

O mensário Movimento Comunista, editado pelo Grupo do Rio, já em seu primeiro número (janeiro de 1922) explicava claramente o que se pretendia: «Com referência à organização partidária, desejamos e preconizamos a união, solidamente baseada num mesmo programa ideológico, estratégico e tático, das camadas mais conscientes do proletariado. As experiências próprias e alheias nos aconselham unidade e concentração de esforços e energias, tendo em vista coordenar, sistematizar, metodizar a propaganda, a organização e a ação do proletariado». Para melhor compreendermos o sentido dessas palavras, no momento em que foram escritas, devemos lembrar que a classe operária brasileira não possuía nenhuma tradição de organização política em partido independente, e que os sindicatos operários de tendência revolucionária, em cujo seio nasceu o Partido, eram organizações de orientação anarquista, baseadas numa estruturação ultraliberal, adversas a qualquer forma de direção unitária e centralizada.

Os Grupos Comunistas eram constituídos, em sua absoluta maioria, por operários ativistas do movimento sindical, e assim desde o início se constituiu o Partido sobre uma firme base proletária. Eis porque a preparação política e prática para a realização do 1º Congresso se desenvolveu em estreita ligação com a atividade dos comunistas dentro dos sindicatos, com a sua participação nas lutas operárias e nas ações de massa. Não é demais chamar a atenção para o que havia de positivo neste aspecto da formação inicial do Partido.

Simultaneamente, os comunistas sustentavam intensa campanha ideológica de esclarecimento e definição de princípios, em luta aberta e cerrada contra a ideologia anarquista até então predominante.

A formação do Partido se processou, de tal sorte, em pleno fogo das lutas de classe e, no mesmo tempo, sob o fogo de uma dura luta ideológica, que era o reflexo, no Brasil, e segundo as condições brasileiras, da luta ideológica travada mundial pela III Internacional.

Fundado definitivamente o Partido, no 1º Congresso, os Grupos passaram a constituir suas organizações locais, já agora estruturadas em moldes centralizados, isto é, com a sua subordinação a uma direção nacional única, de acordo com os Estatutos então adotados. O mensário Movimento Comunista passou a ser editado pela direção nacional como órgão do Partido, e em suas páginas podemos encontrar algumas indicações sobre a vida e a atuação do Partido em seus primeiros meses de existência como tal.

Continuando a orientação já seguida anteriormente pelos Grupos, os comunistas intensificaram sua atuação dentro dos sindicatos operários, através de líderes e ativistas sindicais que haviam aderido ao Partido. Em aplicação da linha partidária, os comunistas batiam-se pela unidade sindical, independentemente de diferenças ideológicas e políticas, como condição básica para o êxito das ações de massa. A luta ideológica de crítica à orientação anarquista era sobretudo uma luta contra o sectarismo, fator de divisionismo, isolamento e impotência. «É imprescindível levar em conta as lições do passado — lia-se em editorial do Movimento Comunista consagrado ao problema de reorganização sindical — se não queremos incidir nas mesmas falhas e nos mesmos erros, que inevitavelmente nos levariam às mesmíssimas derrotas».

A propaganda das idéias comunistas era realizada não só sob forma impressa, através do mensário citado e da difusão de livros e folhetos, como também sob a forma de conferências, palestras, festas, etc. Geralmente, as conferências e palestras — algumas de caráter polémico — se efetuavam nas sedes dos sindicatos operários. No concernente à propaganda impressa, acrescentemos que diversos jornais sindicais, quase sempre redigidos por líderes sindicais que eram ao mesmo tempo dirigentes do Partido, publicavam em suas colunas os nossos materiais — artigos, polémicas, notas informativas, e mesmo alguns trabalhos teóricos dos clássicos do marxismo. O Manifesto Comunista, cuja primeira edição brasileira data de

1923, foi publicado antes em números sucessivos da Voz Cosmopolita, semanário dos trabalhadores em hotéis, restaurantes e cafés.

Os comunistas brasileiros participaram ativamente da campanha mundial em favor de Sacco e Vanzetti: No Rio de Janeiro, a campanha foi dirigida pela Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, com o apoio decidido dos comunistas. Houve também, por essa época, uma campanha de âmbito nacional em favor do marítimo brasileiro José Leandro da Silva, vítima de injusta condenação por parte de tribunais da reação: os comunistas colocaram-se na primeira linha do combate.

Nos meios intelectuais, a fundação do Partido não teve repercussão imediata. Lima Barreto veio a falecer precisamente no ano de 1922, mas tudo leva a crer que tomara posição a favor do Partido. Outro escritor e jornalista carioca, que vinha também do anarquismo e que desde o início formou ao lado dos comunistas, foi Domingos Ribeiro Filho, durante muitos anos redator-chefe da popular revista Careta. Em São Paulo, o veterano Afonso Schmidt foi dos primeiros a escrever em defesa do comunismo e da Revolução Russa. Ainda em São Paulo, o poeta Raimundo Reis, já falecido, e o velho combatente Everardo Dias, que permaneceu firme no seu posto, foram dos primeiros a aderir ao Partido. Em Pernambuco devemos mencionar o professor Cristiano Cordeiro, líder popular de grande prestígio, que organizou o Grupo Comunista do Recife e foi seu delegado ao Congresso de fundação do Partido. Rodolfo Coutinho, então jovem estudante pernambucano, deve ser lembrado entre os primeiros intelectuais que ingressaram no Partido.

Convém recordar que a formação do Partido se processou durante meses de extrema tensão política, motivada sobretudo pela campanha da sucessão presidencial. Realizada a eleição a 1º de março de 1922, a luta política, em vez de amainar, cresceu de intensidade e virulência. A 5 de julho, o Forte de Copacabana tomou a palavra. Foi vencido, mas continuou fumegando. O governo decretou o estado de sítio. Com isso, viu-se o Partido jogado na ilegalidade, três meses e pouco depois do Congresso de fundação. Tudo se complicou enormemente daí por diante. Mas o fato mais significativo que devemos aqui salientar é que o Partido não desapareceu, nem cessou a sua atividade, nas novas e difíceis condições criadas pelo sítio.



**O Diabo Não é Tão Feio...**

«Vim a Leipzig porque em meu país temos grande interesse em aumentar nosso intercâmbio com a RDA, de quem queremos comprar máquinas agrícolas, tratores e fertilizantes, em troca de nossos produtos clássicos, o café em particular. Nossa intenção é a de incrementar nosso intercâmbio com a RDA ao máximo possível. Estas foram as palavras do sr. Clóvis Salles Santos, presidente da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo (FARESP), em entrevista concedida à ADN.

Disse ainda o sr. Salles Santos que a ida de personalidades brasileiras de todas as camadas sociais à Alemanha oriental e outros países socialistas é muito útil para que possam ver com seus próprios olhos que as coisas em outros países são menos feias que pensavam. Na foto, o sr. Salles Santos (à esquerda) quando era recebido no aeroporto de Leipzig pelo chefe do escritório comercial da RDA no Rio.

A torna perfeitamente superável a meta de produção para o nacionalismo será ainda melhor



# Princípios de Organização do Partido

GIOCONDO DIAS

As teses fundamentais sobre o Partido como organização política da classe operária — seu destacamento de vanguarda — foram pela primeira vez formuladas por Marx e Engels no «Manifesto do Partido Comunista». Aos fundadores do comunismo científico pertence também este mérito histórico.

Dando continuação e desenvolvimento às teses de Marx e Engels sobre o Partido, Lenin elaborou, em condições históricas diversas, a doutrina acerca do partido marxista da classe operária. Essa doutrina inclui, sobretudo, as teses sobre o Partido como destacamento avançado, consciente e organizado da classe operária, como forma superior de organização de classe do proletariado, à qual incumbe exercer o papel dirigente entre todas as demais organizações e encarnar a ligação da vanguarda da classe operária com toda a classe e as massas de milhares de trabalhadores.

O Partido é uma organização. Há, porém, diversos tipos de organização. Nem toda organização consegue congregor estreitamente as suas fileiras e assegurar a unidade de ação — unidade indispensável ao partido proletário. Lenin ensina que o Partido, como destacamento de vanguarda da classe operária, deve ser «algo de mais organizado possível». Só com essa condição pode cimentar as fileiras do proletariado, dirigir a sua luta, inculcar nas massas consciência, firmeza e disciplina. Só com essa condição a sua força e a sua influência podem superar centenas e milhares de vezes o seu valor numérico, graças ao que uma vanguarda relativamente pequena tem a possibilidade de dirigir grandes massas. O Partido não conseguirá ser a vanguarda da classe operária, indispensável para a conquista de relevantes vitórias políticas, se não for ele próprio um exemplo de organização.

«... O Partido deve ser uma soma — e não uma simples soma aritmética, mas um complexo — de organizações...», afirma Lenin. Não se trata, portanto, de uma união mecânica. Empregando o termo «complexo», Lenin ressaltava que o Partido não é um mero conglomerado de organizações, e sim um todo único. As organizações partidárias, que em seu conjunto constituem o Partido, não se unem mecanicamente, mas sim organicamente. Estão vinculadas entre si por uma profunda conexão interna, pela unidade de programa e de tática, completada pela unidade de organização. Graças a isso é que podem atuar com vistas a um objetivo determinado e resistir a todos os ataques desfechados pela reação e seus ideólogos. Só possuindo um partido desse tipo a classe operária poderá alcançar os seus objetivos imediatos e futuros.

O Partido Comunista deve ser uma organização ativa, dotada de capacidade de iniciativa, democrática e ao mesmo tempo disciplinada, coesa e monolítica. E para que atenda a essas exigências terá o Partido que ser estruturado sobre a base do centralismo democrático, cujos traços essenciais podem ser assim expressos:

- a) o caráter eletivo dos órgãos dirigentes; as eleições devem ser democráticas e realizadas de baixo acima;
- b) todas as resoluções e decisões do Partido são tomadas por maioria de votos;
- c) todos os órgãos dirigentes do Partido são obrigados a prestar contas de sua gestão perante as organizações correspondentes;
- d) a obrigação de observar a disciplina partidária e a subordinação da minoria à maioria;
- e) a obrigatoriedade das resoluções e diretrizes dos órgãos superiores para os inferiores.

O grande vigor do centralismo democrático está em que ele conjuga a severa centralização e o amplo democracia interno no Partido; a disciplina estrita com o estímulo à atividade e à iniciativa das massas partidárias; o direito imprescritível dos comunistas de discutir as questões com o dever de levar à prática, rigorosamente, as decisões adotadas; a responsabilidade individual do dirigente e o caráter coletivo na elaboração da política e sua realização. O centralismo democrático possibilita, assim, as condições para a atuação e o desenvolvimento do Partido Comunista como o partido de massas, democrático, criador, capaz de revelar iniciativa, combativo e disciplinado. Não sufoca, e sim faz florescer o dinamismo e a energia dos membros do Partido, não os afasta, e sim os adapta à vida e à direção partidária, não atenta contra os direitos dos membros do Partido, e sim garante o uso desses direitos. Só na luta coletiva pelos objetivos e ideais comuns à organização é possível revelar todas as qualidades do membro do Partido e assegurar a mais ampla manifestação de sua individualidade.

Desde a sua criação, nos 38 anos de existência já transcorridos, tem o Partido Comunista do Brasil procurado orientar-se e estruturar-se de acordo com os princípios de organização elaborados por Marx e Lenin. No entanto, a nossa fraqueza teórica, o nosso profundo desconhecimento da realidade, ao lado da influência de outros fatores, dificultaram e ainda dificultam o processo de formação do Partido e, portanto, a justa aplicação dos princípios leninistas de organização. Embora fôssemos capazes de compreender que os princípios leninistas de organização têm valor universal e que o centralismo democrático é um princípio comum para todos os partidos marxistas, não levamos, muitas vezes, em conta que temos de aplicá-los considerando as peculiaridades nacionais, as condições concretas existentes onde desenvolvemos as nossas atividades.

Erros como esses, além dos erros políticos e da perseguição que sempre nos move a reação, têm levado a que, em determinados momentos de sua existência, o Partido assuma características acentuadas de uma seita, de uma organização encerrada em si mesma, ao feio de uma irmandade sagrada ou um grupo secreto de conspiradores, e não um poderoso partido de massas.

O débil conhecimento da teoria e o empirismo no que se refere à organização fazem com que o nosso Partido não venha desempenhando plenamente o seu papel de combatente de vanguarda — papel que, conforme nos ensina Lenin, só pode ser cumprido por um Partido que domina a teoria de vanguarda.

As violações do centralismo democrático eram constantes e, em certa medida, ainda se verificam. A incompreensão de que na atividade do Partido o democrático e o centralismo formam um todo único — uma unidade rigorosamente indissolúvel —, ao lado de outros erros, levou no passado ao esmagamento da democracia interna, ao desrespeito à autonomia das organizações e seus respectivos órgãos dirigentes, a que a cooptação para as direções se tornasse uma norma (quando é uma medida de exceção, sendo normal a realização de eleições), ao cerceamento da luta de opiniões, a usurpação das atribuições do coletivo pelos órgãos restritos ou por indivíduos, à excessiva centralização, à castração da iniciativa das organizações e dos militantes do Partido. Alguns dos falhos e violações mencionadas, de caráter impositivo e mandonista, ainda subsistem, ao lado de fa-

lhas e violações de caráter liberal e de direita, como a falta de planificação e de controle, certa tendência por parte de algumas organizações a confundir a autonomia com independência em relação ao centro único, assim como a incompreensão de que a subordinação do indivíduo ao coletivo, da minoria à maioria e das organizações inferiores às superiores é indispensável para o êxito do trabalho e o fortalecimento do Partido.

O princípio da direção coletiva ainda é desrespeitado. Alguns camaradas pensam que o trabalho coletivo exclui a responsabilidade individual e que os órgãos restritos ou camaradas individualmente podem tomar decisões importantes. Outros acreditam que todas as questões, por menores e menos importantes que sejam, devem ser resolvidas coletivamente, em reuniões intermináveis. O que Lenin ensina é que as resoluções sobre todas as questões importantes sejam adotadas pela coletividade e não por pessoas isoladas.

Utilizando acertadamente o método de trabalho da crítica e da autocrítica, temos que ir corrigindo os erros e falhas, tanto de direita como de esquerda, tanto dogmáticos como revisionistas, tanto mandonistas como liberais, tanto o ultrademocratismo de admite no Partido a livre discussão de correntes e frações, como o cerceamento da democracia interna e a discriminação contra os camaradas que divergem.

Devemos zelar pela disciplina

consciente e voluntária e contra toda tentativa de enfraquecê-la.

Todo o nosso esforço, portanto, precisa ser orientado no sentido de impedir desvios e violações na aplicação dos princípios leninistas de organização, principalmente do centralismo democrático, pois a nossa experiência e a dos partidos irmãos tem demonstrado que o menor desvio contribui para enfraquecer o Partido.

As tarefas que temos pela frente exigem um Partido forte ideologicamente, política e organicamente. Exige um poderoso Partido de massas, unitário e democrático, centralizado e combativo. Exige um Partido revolucionário, que não se atemorize diante da reação nem tenha medo de tratar com os aliados, por mais vacilantes, instáveis ou temporários que sejam.

Em nossos dias, o movimento comunista deu um gigantesco passo à frente, cresceu enormemente. Se antes da Revolução de Outubro havia em todo o mundo somente um partido revolucionário marxista-leninista, contando em suas fileiras 400 mil pessoas, e em alguns países apenas se formavam reduzidos grupos de comunistas, já agora existem partidos comunistas em 75 países e o número total de comunistas ultrapassa 33 milhões.

Há, pois, tanto no plano internacional como em nosso país, possibilidades reais de tornar vitoriosos os nossos objetivos e de conquistar para a classe operária e o povo de nossa terra a plena legalidade do seu Partido — o Partido Comunista do Brasil.

## Teoria e Prática Necessidade do Partido

O transcurso de mais um aniversário do Partido Comunista do Brasil dá-nos a oportunidade de abordar, nesta coluna, um problema que tem sido sugerido por alguns leitores em cartas ao nosso jornal. Refere-se à necessidade histórica ou não da existência do Partido Comunista em nosso país e, de modo geral, nos países subdesenvolvidos.

As dúvidas a esse respeito são suscitadas sobretudo por certos ideólogos burgueses e pequeno-burgueses que, na defesa dos interesses de classe que representam, procuram evitar que o proletariado se organize em seu próprio partido, conduza até as últimas consequências a luta de libertação nacional e abra o caminho para o socialismo. O principal argumento de que se valem é que a existência de um movimento nacionalista, unificando as classes que se opõem ao imperialismo, torna dispensável o Partido Comunista, retirando-lhe a justificação histórica.

Este raciocínio é, no entanto, inteiramente falso. Não só não resiste à crítica teórica, mas é desmentido pela experiência histórica dos povos que tomaram o caminho da independência nacional, da democracia e do socialismo.

Os que procuram negar a razão da existência do partido marxista nos países subdesenvolvidos confundem a luta pelos interesses comuns das diferentes classes que, em determinadas circunstâncias, se congregam na frente única nacionalista, com a luta pelos interesses específicos do proletariado, do campesinato e demais camadas trabalhadoras da sociedade, que não pode ser dirigida senão pela vanguarda da classe operária — o Partido Comunista — armado com a teoria marxista e a tática revolucionária. Se o proletariado limitasse por acaso a sua luta à participação na frente única antimperialista estaria não apenas renunciando à defesa de seus próprios interesses contra a exploração capitalista, mas ao mesmo tempo rebaixando-se a condição de uma massa informe, manobrada ao bel prazer de seus exploradores burgueses. Os que advogam a liquidação do Partido Comunista, em nome da frente única, defendem portanto os interesses da burguesia, contra os interesses do proletariado e demais classes trabalhadoras.

Mas também em relação à frente única e ao triunfo da luta nacionalista, erram os que pensam ser dispensável a existência do partido independente, marxista, da classe operária. As classes que participam na frente única, embora tenham em comum uma série de reivindicações e objetivos, distinguem-se pelo fato de possuir ao mesmo tempo seus interesses particulares e pela consequência, maior ou menor, com que enfrentam o imperialismo. A história de cada país comprova — inclusive entre nós — que a burguesia mesmo quando se alia à classe operária na frente única, tende à conciliação aos compromissos com o imperialismo, não levando as últimas consequências a libertação nacional. O proletariado é a classe que, por sua independência, por ter os seus interesses totalmente opostos à exploração imperialista, pode levar avante com toda firmeza a luta pela libertação nacional, contribuindo, dentro da frente única, para encorajar a própria burguesia, afastando-a o mais possível do caminho dos compromissos com o imperialismo. E só é possível ao proletariado cumprir esta missão se se orientar pela teoria marxista, pelo Partido Comunista.

Ao contrário do que proclamam certos «sabios», a missão histórica do Partido Comunista é incontestável e intransfereível.



## Uma Nova Comuna Surgiu

Em setembro de 1959, na região de Hsiangyin, na província de Hunan, ... 30 000 camponeses que trabalhavam em 16 cooperativas agrícolas aprovaram a criação de uma Comuna Popular. Seis meses depois de organizada, ela já começa a dar seus frutos, transformando inteiramente a economia da região e criando novas condições de trabalho e vida para os lavradores. As crianças ganharam uma nova e melhor escola; as mulheres, com a criação de um restaurante coletivo, podem dedicar mais tempo aos labores da comuna.

Jamais conheceram uma roupa decente. A Comuna, com o algodão que planta, já dispõe de meios para transformá-lo em tecido para seus habitantes.

A produção de aço na própria Comuna possibilitou, também, a introdução de instrumentos mais modernos para o trabalho no campo, aumentando assim a produtividade.

«Muitas vezes — ainda é o velho Fan quem conta — cavávamos a terra com as mãos para plantar o algodão. Hoje isso não acontece mais.

O velho Fan vive hoje na Comuna, sustentado, como muitos outros, pelo serviço social coletivo. Descansa e conta histórias aos netinhos, histórias dos outros tempos, de opressão e miséria.

## História do Movimento Operário

Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do nosso século, começaram a manifestar-se sintomas de que o período de desenvolvimento relativamente «pacífico» do capitalismo aproximava-se do seu fim. Em 1894-95, feriu-se no Extremo Oriente a guerra sino-japonesa. Em 1898, os Estados Unidos, invocando a doutrina de Monroe, intervieram nos assuntos da ilha de Cuba, cujo povo desde muitos anos vinha lutando para libertar-se da dominação colonial espanhola. Assim, eclodiu a guerra hispano-americana, que Lenin considerou já uma guerra imperialista. Vitoriosos em curto prazo, os Estados Unidos assenhorearam-se de Cuba, de Porto Rico e das Filipinas. Em 1900, oito potências imperialistas (Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Japão, França, Itália, Áustria-Hungria e Rússia) invadiram a China e afogaram em sangue, em três meses, a insurreição nacional que ficou conhecida como «insurreição dos boxers» (isto é, dos «jogadores de box», nome com que os imperialistas procuravam depreciar os patriotas insurretos, cujo símbolo era um punho serrado). Ao mesmo tempo, as grandes potências começaram a rosnar umas para as outras e iam-se dividindo em blocos militares cada vez mais agressivos: a França e a Rússia; a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália; a Inglaterra e o Japão.

Em 1900-01, começava em vários países capitalistas profunda crise econômica. Cresceram rapidamente o desemprego, a miséria, o descontentamento nas fileiras do proletariado. Afastavam-se por toda parte as greves. A tendência revolucionária no seio do movimento operário começou a acentuar-se.

## A II Internacional contra o revisionismo

os latifundiários com a luta contra o czarismo e também contra o imperialismo. O país era, ao mesmo tempo, um «prisão de povos» — dezenas de nacionalidades viviam oprimidas sob o tacão czarista. Amadurecia, na Rússia, uma revolução democrático-burguesa que, diferentemente do que acontecera com as revoluções democrático-burguesas dos séculos XVIII e XIX nos países da Europa Ocidental e Central, — e estava na época do imperialismo e dentro dum país que, sendo uma semipolônia, era do mesmo passo, ele próprio, uma potência imperialista. A atuação das leis objetivas do capitalismo fazia, assim, com que, na aurora de nosso século, o centro do movimento operário internacional se trasladasse da Alemanha para a Rússia. Em correspondência com esse fato histórico, o Partido Operário Social-Democrático da Rússia, — que se fundara em 1898 e dentro do qual se feria aguda luta entre a tendência revolucionária, encabeçada por Plekhanov e Lenin, e as várias correntes oportunistas, — passaria, como veremos, a desempenhar papel de crescente importância no movimento socialista mundial.

Foi no quadro de desenvolvimento da situação internacional que acima rapidamente bosquejamos que se realizou, em agosto de 1904, mais um congresso ordinário da II Internacional, o Congresso de Amsterdã (Holanda). A ele compareceram 483 delegados. A ordem-do-dia consistiu dos seguintes pontos: 1 — Normas internacionais da tática socialista; 2 — Sobre a unidade dos partidos; 3 — Sobre a política colonial e outras questões.

Contra o projeto de Guesde foi lançado o dos oportunistas, assinado por Adler (Áustria) e Vandervelde (Bélgica) e que, em essência, era uma ratificação da resolução «de borracha» de Kautsky.

Depois de brilhante discurso do destacado chefe da social-democracia alemã August Bebel, passou-se à votação. A maioria rejeitou o projeto oportunista e aprovou a resolução proposta por Guesde.

Eis como Lenin se referia, em 1905, à histórica resolução anti-revisionista de Amsterdã: «A social-democracia alemã está a frente de todas as organizações, pela integridade e coesão do seu movimento, pela riqueza e conteúdo de sua literatura marxista. É natural que, nessas condições, também as resoluções dos congressos social-democráticos alemães adquiriram muitas vezes uma significação quase internacional». «A resolução do Congresso social-democrático de Dresden, que confirmou a antiga tática comprovada da social-democracia revolucionária, foi retomada pelo Congresso socialista internacional de Amsterdã e tornou-se agora uma resolução geral de todo o proletariado consciente do mundo inteiro.»

«... A citação é tomada, quase literalmente, ao quarto artigo publicado por Pedro Gambé (Astrojildo Pereira), sob o título «A II Internacional», na série «Colaboração e Contribuição», da publicação, pedida ao leitor que oprirja, na primeira referência feita a Pedro Sampaio (ver Cap. LIV, em NOVOS RUMOS n. 52), um erro de responsabilidade do autor destas notas: ali se diz que a página sindical de «O Povo» era dirigida por Albuquerque Diniz, quando na realidade o era por Saturnino Raposo, à época democrata de esquerda patronário do cooperativismo.»

— (LVI) —





### Três argumentos para não votar em Jânio

O homem entrou na conversa e resolveu tudo. Apontou três argumentos decisivos para o eleitor não votar em Jânio: 1 — ele é contra a Petrobrás; 2 — é amigo de Rockefeller; 3 — governou São Paulo aumentando impostos e fazendo negociações, como a dos vagões, que lhe renderam milhões de cruzeiros para gastar na viagem milionária. Apontou também os argumentos para o povo votar em Lott e Jango — defendem a Petrobrás; são contra a remessa de lucros pela ampliação das liberdades democráticas.

## NOVOS RUMOS



### Flechando entreguistas

A «Taba Nacionalista» dos estudantes cariocas escolheu um índio como símbolo de sua luta. Flecha armada, uma constante ameaça aos entreguistas, de convida o povo a votar nos chefes brancos Lott e Jango, contra os trusteres.

# Taba na Cinelândia: Eleger Lott e Jango

«Ei, você aí...» — o passante distraído volta-se para o jovem que o chamara tão desabusadamente.

«Não é dinheiro, não. Só queremos que o senhor venha fumar um pouco no cachimbo nacionalista aqui da taba».

O homem não tem outro jeito. E entra no território livre da Cinelândia, onde os estudantes instalaram uma verdadeira tribuna de debates e através da qual procuram esclarecer o povo,

convencendo da necessidade de eleger os candidatos nacionalistas a presidente e vice-presidente da República.

O cidadão é eleitor, naturalmente, e logo confessa que está inclinado a votar no outro candidato. O debate se estabelece enquanto vão examinando os estandes com fotografias e gráficos alusivos às realizações que marcam os passos iniciais do Brasil no caminho da sua emancipação. Petróleo, siderurgia

e outras obras estão ali representadas. O homem fala em corrupção e vassoura; o jovem em demagogia e nacionalismo. Logo se forma um grupo, os debates se ampliam.

«Jânio é homem do Rockefeller» — diz um.

«Foi uma revista americana que disse» — afirma outro.

Não há outro jeito, o homem vai se convencendo aos poucos. Na hora ele não confessa. Depois, a caminho de casa, vai pensando no que ouviu.

Diariamente, durante a maior parte das 24 horas do dia, acontece isso na taba. No palanque, falando ao microfone, realizando debates com as pessoas que se agrupam em torno dos estandes, os estudantes cariocas explicam ao povo porque apóiam Lott e Jango contra o candidato dos lanterneiros.



### Ele quer acabar com isto

O estudante levou o eleitor até o painel com fotografias de Volta Redonda. Explicou então que o candidato lanterneiro quer acabar com a siderurgia nacional, como quer também liquidar a Petrobrás. A batalha dos votos já ganhou as ruas graças à iniciativa dos estudantes.



### Batalha das fotografias

Os estandes fotográficos montados pelos estudantes na Cinelândia, são um constante motivo de atração e meio para reunir grupos de debates. Em torno deles estão sempre reunidos grupos, discutindo os temas apresentados pelas fotos: Petrobrás e siderurgia são atrações, Brasília e estradas também despertam interesse.



### Debate vitorioso

Enquanto um estudante falava ao microfone, um grupo se reuniu ao pé do palanque, lotistas e janistas, pois a taba é democrática. A discussão foi-se tornando cada vez mais acesa, e logo uma pequena multidão participava dela. No fim, graças aos argumentos irretorquíveis, os lotistas venceram e festejaram ruidosamente o acontecimento. A batalha dos